

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JONATHAN BATISTA MAXIMO SALGADO

**ENTRE A DÚVIDA E A CERTEZA: A TRAJETÓRIA DE AGOSTINHO DO  
CETICISMO À SÍNTESE FÉ E RAZÃO**

NITERÓI

2025

JONATHAN BATISTA MAXIMO SALGADO

**ENTRE A DÚVIDA E A CERTEZA: A TRAJETÓRIA DE AGOSTINHO DO  
CETICISMO À SÍNTESE FÉ E RAZÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de Pesquisa: História da Filosofia

Professora-Orientadora: Dra. Alice Haddad

Niterói

2025

Ficha catalográfica

**ENTRE A DÚVIDA E A CERTEZA: A TRAJETÓRIA DE AGOSTINHO DO  
CETICISMO À SÍNTESE FÉ E RAZÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Niterói  
2025

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Deus Trino, por seu amor em Jesus Cristo e pela ação de seu Espírito me ajudando a avançar nos estudos teológicos e filosóficos, dando-me oportunidade de crescer no conhecimento da fé.

À minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Alice Haddad, pela orientação, dedicação e apoio no desenvolvimento do presente texto.

À minha esposa Priscila Maia e minhas filhas Beatriz e Juliana, pela paciência, incentivo, compreensão e amor, que foi fundamental para chegar essa etapa da pesquisa. Muito do que faço é por elas.

Aos meus amados pais, Antônio e Maria Adelaide, pois são meus incentivadores e apoiadores desde a mais tenra idade. As minhas irmãs Jeane e Jessica, pelo encorajamento em cada etapa do caminho.

À Faculdade Batista do Rio de Janeiro (Seminário Batista do Sul), por cada pessoa desta instituição que me acolhe e incentiva no meu percurso acadêmico.

À Igreja Batista Memorial de Jacarepaguá, Igreja que pastoreio, em me incentivar na minha jornada dos estudos teológicos.

À Universidade Federal Fluminense, pelo desvelamento de horizontes, pela possibilidade de imersão visceral nos estudos e pelo recomeço da vida.

A todas as trabalhadoras e todos os trabalhadores da Universidade Federal Fluminense, que criam as condições para que tudo isso seja possível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal Fluminense (PFI/UFF).

## RESUMO

Agostinho de Hipona, em sua obra *Contra os Acadêmicos*, confronta o ceticismo filosófico, rejeitando a ideia de que a verdade é inatingível. Ele contesta a posição cética de que o conhecimento humano é limitado e relativo, sustentando que a verdade pode ser conhecida através da fé. Agostinho reconhece a existência de dúvidas e incertezas, mas argumenta que essas podem ser superadas por meio da confiança em Deus. Ao enfatizar a importância da fé como fundamento para o conhecimento, ele propõe uma visão de mundo distinta do ceticismo e oferece fundamentos teóricos para a busca da verdade. Agostinho destaca que a razão humana, quando aliada à fé, é capaz de alcançar um entendimento mais profundo da realidade e das verdades eternas. Sua apologia não apenas desafia os argumentos céticos, mas também promove uma visão integradora que reconcilia a razão e a fé, oferecendo uma resposta aos desafios do ceticismo filosófico. Este estudo pretende contribuir para compreensão da resposta agostiniana ao ceticismo, promovendo uma visão integradora que reconcilia razão e fé, enfrentando os desafios contemporâneos do ceticismo filosófico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agostinho, Contra os Acadêmicos, Fé, Razão, Ceticismo.

## ABSTRACT

Augustine of Hippo, in his work *Against the Academicians*, confronts philosophical skepticism, rejecting the notion that truth is unattainable. He challenges the skeptical claim that human knowledge is limited and relative, maintaining that truth can be known through faith. Augustine acknowledges the existence of doubt and uncertainty, but argues that these can be overcome through trust in God. By emphasizing the importance of faith as the foundation of knowledge, he proposes a worldview distinct from skepticism and offers theoretical grounds for the pursuit of truth. Augustine highlights that human reason, when joined with faith, is capable of attaining a deeper understanding of reality and eternal truths. His apology not only challenges skeptical arguments but also promotes an integrative vision that reconciles reason and faith, offering a response to the challenges of philosophical skepticism. This study aims to contribute to the understanding of Augustine's response to skepticism, advancing an integrative perspective that reconciles reason and faith while addressing the contemporary challenges of philosophical skepticism.

**KEYWORDS:** Augustine, Against Academics, Faith, Reason, Skepticism.

**Tabela de abreviaturas**

<b>Abreviatura</b>	<b>Títulos em latim</b>	<b>Títulos em português</b>
<i>c. Acad.</i>	<i>Contra Academicos</i>	<i>Contra os acadêmicos</i>
<i>conf.</i>	<i>Confessiones</i>	<i>Confissões</i>
<i>doc. Chr.</i>	<i>De doctrina Christiana</i>	<i>A doutrina cristã</i>
<i>civ. Dei.</i>	<i>De civitate Dei</i>	<i>Cidade de Deus</i>
<i>lib. arb.</i>	<i>De libero arbitrio</i>	<i>O livre-arbitrio</i>
<i>retr.</i>	<i>Retractationes</i>	<i>Retratações</i>
<i>sol.</i>	<i>Soliloquia</i>	<i>Solilóquios</i>
<i>vera rel.</i>	<i>De vera religione</i>	<i>Da verdadeira religião</i>
<i>b. vita</i>	<i>De beata vita</i>	<i>A vida feliz</i>
<i>mag.</i>	<i>De Magistro</i>	<i>O Mestre</i>
<i>ench.</i>	<i>Enchiridion ad Laurentium de fide spe et caritate</i>	<i>Manual de fé, esperança e caridade</i>
<i>praed. sanct.</i>	<i>De Praedestinatione Sanctorum</i>	<i>A predestinação dos santos</i>
<i>ep.</i>	<i>Epistulae</i>	<i>Epístola ou Carta</i>
<i>s.</i>	<i>Sermones</i>	<i>Sermões</i>

## Sumário

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 A JORNADA INTELECTUAL DE AGOSTINHO: DO CETICISMO À FÉ ...	14
2.1. O contexto intelectual e filosófico de Agostinho .....	14
2.2. A influência do ceticismo em sua formação .....	21
2.3. O papel de Cícero e do neoplatonismo na transição agostiniana .....	22
2.4. A conversão e a superação do ceticismo.....	26
3 A CRÍTICA DE AGOSTINHO AO CETICISMO.....	30
3.1. A leitura agostiniana de Cícero e a negação da possibilidade de conhecimento .....	30
3.2. Os argumentos de <i>Contra os Acadêmicos</i> contra o ceticismo .....	35
3.3. A distinção entre conhecimento humano e conhecimento divino .....	40
4 A SÍNTESE ENTRE FÉ E RAZÃO COMO RESPOSTA AO CETICISMO ....	46
4.1. A concepção agostiniana de razão e verdade .....	46
4.2. A fé como fundamento epistemológico .....	51
4.3. A complementariedade entre fé e razão em Agostinho .....	55
4.4. Implicações dessa síntese para a filosofia e teologia cristã .....	60
5 CONCLUSÃO .....	65
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

## 1 INTRODUÇÃO

O período patrístico é marcado por grande reflexão teológica e filosófica sobre a fé cristã. No momento histórico em questão, grandes nomes se destacaram e contribuíram com o desenvolvimento da fé e da reflexão que decorre dela. Uma das figuras mais proeminentes do período é, sem dúvida, Agostinho de Hipona. Reconhecido por sua contribuição para o pensamento ocidental, é estudado até os dias atuais nas mais diversas categorias de pensamento, como: teologia, filosofia, pedagogia e ciência política, para citar algumas. Nas áreas de Teologia e Filosofia, Agostinho fez muitas contribuições, uma delas, certamente, sobre o elemento da união entre fé e razão. Sua primeira contribuição nesse assunto foi em sua obra *Contra os Acadêmicos*, escrita após sua conversão, durante um retiro filosófico que viveu com alguns amigos e familiares.

De acordo com John Heil, o confronto de Agostinho com o ceticismo<sup>1</sup> em *Contra os Acadêmicos* é de grande importância e merece destaque. Ele destaca que a complexidade do raciocínio elaborado por Agostinho ultrapassa em muito o reconhecimento de muitos comentaristas. Essa relevância se manifesta ao introduzir uma nova abordagem sobre os aspectos morais e epistemológicos do ceticismo, potencialmente oferecendo um desafio substancialmente convincente para o pensamento cétilo.<sup>2</sup>

O ceticismo filosófico tem sido uma força significativa ao longo da história da filosofia, desafiando a capacidade humana de alcançar a verdade e o conhecimento absoluto. Desde os primeiros filósofos gregos até os pensadores modernos, a dúvida sistemática sobre a possibilidade de obter conhecimento verdadeiro tem permeado diversos períodos e escolas de pensamento, promovendo uma postura de contínua investigação e incerteza. De acordo com Brown, os cétilos foram um desafio muito grande para todas as religiões, mas especialmente para o maniqueísmo, seita de que Agostinho foi membro por nove anos.<sup>3</sup> Agostinho de Hipona, em sua obra *Contra os Acadêmicos*, apresenta uma resposta vigorosa ao pensamento cétilo por ele recebido, argumentando que a verdade não é inatingível, mas pode ser conhecida através da fé, que serve como um meio seguro para alcançar o conhecimento. Ele defende que, embora os

---

<sup>1</sup> Agostinho não utiliza a expressão “ceticismo” ou “cétilo”, ele costuma utilizar as expressões “doutrina acadêmica” ou “acadêmicos”. Entretanto, o uso de ceticismo e seus derivados nessa dissertação tem por finalidade o uso comum da expressão na História da Filosofia.

<sup>2</sup> Heil, 1972, p. 99.

<sup>3</sup> Brown, 2020, p. 97.

sentidos e a razão humana possam ser falíveis, a fé em Deus oferece uma base firme e infalível para a verdade.

O problema filosófico que orienta esta pesquisa pode ser assim formulado: é possível afirmar a verdade e o conhecimento frente ao desafio do ceticismo, sem incorrer em dogmatismo? E qual o papel da fé nesta resposta?

Parte-se da hipótese de que Agostinho, especialmente em *Contra os Acadêmicos*, oferece uma resposta inovadora ao ceticismo ao propor uma síntese entre fé e razão como fundamento epistemológico.

O objetivo desta dissertação, portanto, é examinar a abordagem de Agostinho em confrontar o ceticismo, destacando sua ênfase na fé como fundamento para o conhecimento e sua visão integradora que reconcilia razão e fé, demonstrando como sua perspectiva influenciou o desenvolvimento da filosofia medieval e moldou o pensamento ocidental sobre a relação entre fé e razão, com implicações profundas para a ética, teologia e epistemologia.

O presente texto tem por objetivo percorrer o pensamento de Agostinho de Hipona e sua apologética contra o ceticismo de seu tempo, tendo como fonte principal, mas não exclusiva, sua obra *Contra os Acadêmicos*. Para explorar essa defesa, o texto seguirá de uma ambientação da obra anteriormente citada, situando-a no contexto histórico e filosófico em que Agostinho escreveu, passando por uma análise dos argumentos do bispo de Hipona contra os acadêmicos, focando na questão epistêmica e nas críticas ao pensamento cético que ele recebeu, especialmente de Cícero. Além disso, o estudo examinará a relação entre fé e razão na argumentação de Agostinho, destacando como ele integra essas duas dimensões para oferecer uma visão coerente e abrangente que transcende as limitações do ceticismo. A partir da análise desses textos, veremos como Agostinho interagiu com o pensamento cético, especialmente como interpretou os céticos, e como sua resposta filosófica culminou em uma visão cristã da realidade que une fé e razão. Para isso, a divisão capitular será:

No primeiro capítulo, apresentaremos o contexto histórico e filosófico de Agostinho, destacando sua formação intelectual e sua passagem pelo ceticismo acadêmico. Pretende-se compreender a forma como Agostinho receptionou o ceticismo da Nova Academia através de suas leituras de Cícero e outros representantes desse pensamento e como ele os interpretou. Análises das citações que Agostinho fez do filósofo serão importantes para a formação do capítulo. É sabido que nem todas as citações do bispo podem ser comparadas, pois nem todos os textos do filósofo romano

foram preservados, mas aqueles que foram preservados, até mesmo a preservação parcial efetuada no texto agostiniano, será analisada à luz do pensamento cético mantido pelo pensador representante da Nova Academia.<sup>4</sup> Os grandes representantes desse pensamento foram Arcésilas e Carnéades, ainda assim, foi por meio de Cícero, sobretudo, que Agostinho teve contato com o ceticismo acadêmico. Estas bases serão importantes para fundamentar o pensamento epistêmico de Agostinho em resposta ao ceticismo acadêmico. Além de observarmos o papel do neoplatonismo na sua adesão à fé cristã, discutiremos como a busca pela verdade foi um tema central em sua conversão e como essa experiência impactou sua filosofia posterior.

No segundo capítulo, será examinada a crítica de Agostinho ao ceticismo, com base principalmente em sua obra *Contra os Acadêmicos*, sem deixar de observar outros textos relevantes para o tema. Um elemento importante no capítulo é a forma como Agostinho interpretou e respondeu às teses céticas da Nova Academia, a partir de suas citações e interlocuções com Cícero e outros autores. A argumentação agostiniana contra a suspensão do juízo e a defesa da possibilidade do conhecimento serão exploradas, assim como sua distinção entre conhecimento humano e divino. Essa análise pretende compreender de que maneira Agostinho articulou uma resposta ao ceticismo, rejeitando a impossibilidade do conhecimento sem cair em um dogmatismo rígido.

No terceiro e último capítulo, a síntese entre fé e razão em Agostinho e sua relação com a crítica ao ceticismo será o ponto principal de análise. Examinaremos sua concepção de razão e verdade, observando como ele conciliou a racionalidade com a necessidade da fé na busca pelo conhecimento, mas com expectativa de encontrar a verdade. Esse exame desembocará na síntese fé e razão. A ideia de que a fé ilumina a razão e a noção de que o verdadeiro conhecimento só pode ser plenamente alcançado por meio de uma visão que transcende a limitação humana serão temas centrais desse capítulo.<sup>5</sup> O objetivo é evidenciar a estrutura epistemológica que floresce de sua síntese fé e razão, e como isso se configura como sua resposta definitiva ao ceticismo.

Com a conclusão do texto, espera-se demonstrar que a trajetória intelectual de Agostinho, sua crítica ao ceticismo e sua síntese entre fé e razão não apenas respondem às questões filosóficas de sua época, mas também oferecem uma reflexão relevante para debates contemporâneos sobre conhecimento, dúvida e crença. Esta pesquisa pretende

---

<sup>4</sup> Haddad, 2022, p. 127.

<sup>5</sup> Novaes, 2009, p. 98.

contribuir para uma melhor compreensão do pensamento agostiniano e para o aprofundamento do diálogo entre filosofia e teologia.

## 2 A JORNADA INTELECTUAL DE AGOSTINHO: DO CETICISMO À FÉ

O percurso intelectual de Agostinho de Hipona é marcado por muitas correntes de pensamento de seu tempo, entretanto, todo esse movimento reflexivo teve como objetivo a descoberta da verdade. Mesmo recebendo uma base cristã familiar, ele percorreu do maniqueísmo ao ceticismo acadêmico, até encontrar no pensamento cristão a resposta para as suas inquietações filosóficas e existenciais. Tal percurso intelectual revela como o bispo de Hipona lidou de modo crítico com as tradições filosóficas que o precederam, apropriando-se de elementos dessas correntes de pensamento para desenvolver sua própria visão sobre a relação entre conhecimento e fé.

No capítulo em questão, como o objetivo de entender melhor esse percurso intelectual de Agostinho, será analisado o contexto intelectual e filosófico, buscando identificar as influências que marcaram seu pensamento e o levaram, mesmo que por um instante, a considerar o ceticismo acadêmico como uma alternativa filosófica e existencial. Em seguida, um olhar para a figura de Cícero, que foi para Agostinho uma inspiração, e o neoplatonismo em seu processo de transição intelectual até a fé cristã, sinalizando a importância deles na aproximação e distanciamento do pensamento cético. Por fim, com o objetivo de entender a reformulação da sua visão epistemológica que, para ele, foi a superação do pensamento do ceticismo, examinaremos a sua conversão e formação cristã.

Com isso, pretende-se compreender como Agostinho transicionou intelectualmente até a fé cristã, lindando com um período de ceticismo sobre a possibilidade de conhecimento.

### 2.1. O contexto intelectual e filosófico de Agostinho

No século IV, a cidade de Tagaste, situada no norte da África, experimentava os vestígios da influência da cultura romana. Embora tenha desfrutado de significativa importância econômica na porção africana do Império Romano no início do século I<sup>6</sup>, na época em questão, apenas as glórias do passado eram recordadas. O impulso econômico da cidade provinha principalmente das vastas plantações de oliveiras que cobriam os

---

<sup>6</sup> Brown, 2020, p. 23.

planaltos da Numídia.<sup>7</sup> A produção de óleo era uma das principais atividades comerciais da cidade, que também era notável por ser o berço de um dos mais destacados pensadores cristãos da história.

Agostinho veio ao mundo em 13 de novembro de 354, nascido em uma família de recursos escassos.<sup>8</sup> Sua família subsistia com a renda proveniente de propriedades e do cargo público de seu pai, Patrício, que ocupava o cargo de conselheiro comunal em Tagaste.<sup>9</sup> A mãe de Agostinho, Mônica, destacava-se como uma mulher profundamente devotada à família e à sua fé. Seu papel desempenhou um papel significativo na jornada espiritual de seu filho. Agostinho mesmo relatou na obra *Confissões*, como ela se dedicava piedosamente ao cuidado do lar, dos filhos, além de dar um testemunho de fé vigoroso para todos por meio de sua santidade e obras de caridade.<sup>10</sup>

Num cenário desfavorável para o crescimento público e econômico, uma das opções para alcançar posições destacadas era por meio de uma educação sólida. A obtenção desse conhecimento exigia esforços consideráveis da família de Agostinho. Mesmo em uma situação financeira relativamente estável, como a família do jovem possuía em Tagaste, esse progresso educacional não seria possível sem considerável empenho, muitas vezes dependendo do apoio de financiadores.<sup>11</sup>

A cidade onde Agostinho nasceu carecia de uma oferta substancial de educação e cultura. Na sua cidade natal, a ênfase recaía sobre uma formação básica, adequada para lidar com as demandas da vida cotidiana. Essa limitação, sem dúvida, teve um papel crucial em sua trajetória futura. A instrução pública em Tagaste abrangia apenas os fundamentos mais elementares da educação, assemelhando-se a uma formação de primeiro grau ministrada nas “escolas do *primus magister* ou, para simplificar, as escolas elementares”.<sup>12</sup> Durante esse período, Agostinho recebeu o essencial para leitura do latim e uma introdução aos estudos retóricos. Autores clássicos como Virgílio, Cícero, Salústio e Terêncio foram apresentados nesse momento, sendo que os textos eram minuciosamente estudados, com cada sentença analisada pelos professores.<sup>13</sup> As palavras e suas estruturas gramaticais desempenhavam um papel crucial na metodologia pedagógica à qual o Bispo estava submetido.

---

<sup>7</sup> Trapè, 2018, p. 22.

<sup>8</sup> Brown, 2020, p. 25.

<sup>9</sup> Vigni, 2012, p. 21-22.

<sup>10</sup> *Conf.* IX, 9.

<sup>11</sup> Brown, 2010, p. 23.

<sup>12</sup> Trapè, 2018, p. 21-22.

<sup>13</sup> Brown, 2010, p. 42.

A fala, a audição e a escrita eram componentes essenciais no processo pedagógico de Agostinho. Ele mesmo observou: “As próprias crianças não teriam necessidade de gramática que ensina a língua correta, se lhes fosse dado crescer e viver entre pessoas que falam corretamente”.<sup>14</sup> O estilo retórico superava a importância do conteúdo transmitido. O que se esperava que o aluno dominasse não estava, necessariamente, fundamentado na verdade objetiva como último princípio, mas sim na capacidade de apresentar um argumento que cativasse seu público, apelando às emoções e persuadindo os ouvintes a seguir a lógica do orador, mesmo que sua apresentação fosse meramente baseada em argumentos não verdadeiros. Em sua obra, *De doctrina Christiana*, faz a seguinte crítica a essa forma de retórica: “o orado que exorbita numa eloquência sem sabedoria deve ser tanto mais evitado quanto mais os ouvintes sentem prazer ao ouvi-lo expor inutilidades”.<sup>15</sup> Ele ainda acrescenta que Cícero também não ignorou isso em seu ensino sobre a retórica, pois reconheceu “que sabedoria sem eloquência foi pouco útil às cidades, mas, em troca, a eloquência sem sabedoria lhes foi frequentemente bastante nociva e nunca útil”.<sup>16</sup>

A escola formal em Tagaste não era o único fator crucial na educação do Bispo de Hipona. Desde a infância, o ambiente educacional em sua casa desempenhava um papel significativo. A língua latina, vital para o Império Romano e aspirações de uma carreira pública desejada pelos pais de Agostinho, era ensinada em casa de forma afetuosa, sem ameaças ou castigos, mas através do carinho das amas de leite e da alegria dos jogos. Sua mãe, Mônica, desempenhou um papel central nesse processo educacional.<sup>17</sup>

Mônica, uma católica devota e mãe presente, foi a primeira instrutora de Agostinho. A educação cristã que marcou sua infância se manifestava nas palavras e preceitos transmitidos por sua mãe, bem como no testemunho de fé refletido em uma vida de oração e caridade.<sup>18</sup> A instrução inicial de Agostinho concentrou-se em valores morais, com a mãe ensinando através do exemplo, fundamentando sua educação na fé cristã.

Mônica influenciou o futuro educacional de seu filho ao adiar seu casamento, uma prática incomum na cultura da época. Embora fosse comum casar os filhos cedo, os pais de Agostinho priorizaram sua formação, acreditando que isso o aproximaria de Deus.

---

<sup>14</sup> *doctr. chr.* IV, 3, 5.

<sup>15</sup> *doctr. chr* IV, 5, 7.

<sup>16</sup> *doctr. chr* IV, 5, 7

<sup>17</sup> Trapè, 2018, p. 26.

<sup>18</sup> Vigini, 2012, p. 22.

Mônica estava determinada a não deixar que um casamento precoce interferisse nos estudos de seu filho.<sup>19</sup>

O caráter digno, contido e pacificador de Mônica apresentou a Agostinho um modelo educacional diferente do ambiente escolar, onde a aprendizagem muitas vezes era marcada por sofrimento físico e moral, restringindo o desenvolvimento cognitivo.<sup>20</sup> Em casa, sua educação era moldada pelo exemplo positivo de sua mãe.

Agostinho, instruído nos fundamentos da educação clássica e impregnado da formação cristã recebida de sua mãe e da Igreja, foi enviado para Madaura para dar sequência à sua educação, permanecendo na cidade por quatro anos (365-369). Durante esse período, sua formação foi centrada nos grandes escritores da cultura latina e nas regras gramaticais. Na escola, cada parte do discurso era minuciosamente analisada à luz dos ensinamentos dos clássicos, inclusive seus erros linguísticos e licenças poéticas, estabelecendo assim o padrão correto de uso da língua.<sup>21</sup>

Madaura, uma cidade com extensa tradição de educação clássica, celebrava sua história como o lar do renomado orador platônico do século II, Apuleio.<sup>22</sup> O foco educacional estava na formação retórica, buscando fortalecer essa arte entre os estudantes. O conteúdo do ensino era menos relevante do que seu objetivo, que perdurou por cerca de oitocentos anos: aprender a arte das palavras, adquirir eloquência para persuadir e expressar ideias. O resultado ideal era o orador, habilidoso em argumentação, vivacidade, controle emocional e facilidade de expressão.<sup>23</sup> Na cidade, o conhecimento formal não era a ênfase; a eloquência era valorizada. O bom orador não necessariamente apresentava a verdade, mas tinha a habilidade de agradar os ouvintes e convencê-los de suas ideias. Ele testemunha em suas *Confissões*, “Os estudos a que me entregava e que se apelidavam de honestos davam entrada para o foro dos litígios, onde me deveria distinguir tanto mais honradamente quanto mais hábil fosse a mentira”.<sup>24</sup>

Agostinho também teve exposição ao grego, embora de maneira desafiadora. Ele relata que o ameaçavam com castigos terríveis para incentivá-lo a aprender a língua.<sup>25</sup> Seu domínio do grego não avançou muito, mas foi suficiente para desempenhar papéis

---

<sup>19</sup> Trapè, 2018, p. 39.

<sup>20</sup> Vigini, 2012, p. 24.

<sup>21</sup> Vigini, 2012, p. 26.

<sup>22</sup> Brown, 2010, p. 44.

<sup>23</sup> Brown, 2010, p. 42.

<sup>24</sup> *Conf.* III, 3.

<sup>25</sup> *Conf.* I, 14.

futuros como apologeta, polemista, pregador e comentarista bíblico, permitindo-lhe consultar o texto grego da Bíblia e corrigir o texto latino em algumas situações.<sup>26</sup>

A aversão de Agostinho pelo grego ou seu aprofundamento derivou do conteúdo dos textos utilizados em sua aprendizagem, repletos de fábulas, algo que ele desdenhava.<sup>27</sup> Essa aversão foi acentuada pelo método pedagógico punitivo ao qual foi submetido, levando-o a expressar críticas quando comparado ao processo de aprendizado do latim. Ele afirmou que, para aprender, é mais eficaz despertar a curiosidade espontânea do que impor constrangimentos ameaçadores, destacando que essa violência apenas restringe os excessos de curiosidade devido às leis estabelecidas.<sup>28</sup> Isso não implica que Agostinho não dominasse bem o grego; de acordo com a tese de Trapè, ele manejava o idioma o suficiente para consultar o texto grego da Bíblia.<sup>29</sup>

A cidade de Madaura também impactou Agostinho por seu paganismo, evidente na sociedade e na cultura local. Exemplificando, no fórum da cidade, Agostinho deparou-se com duas estátuas de Marte (uma nua e outra armada) e uma estátua de um homem com três dedos estendidos para conter o poder de Marte.<sup>30</sup> O paganismo também influenciava a educação, uma vez que os professores em Madaura eram pagãos, apreciando o fórum com suas estátuas dos deuses e produzindo muitos epitáfios em versos, já descobertos na África romana.<sup>31</sup>

Depois de seu período de estudos em Madaura, Agostinho teve que retornar a Tagaste por falta de recursos. Passou aproximadamente um ano inativo até que seu pai, Patrício, conseguisse reunir o dinheiro necessário, contando com a ajuda de Romaniano, um concidadão, para viabilizar a continuidade de seus estudos na grande cidade de Cartago.

Após um ano de espera necessário, Agostinho foi enviado para a reconhecida cidade de Cartago, que, assim como Madaura, também se destacava por sua forte inserção de valores e práticas religiosas greco-romana, mas expressava ainda mais intenso por ser uma grande metrópole do seu tempo. Chegando aos 17 anos, Agostinho testemunhou as extravagâncias com que a deusa *Caelestis*, protetora da cidade, era obscenamente honrada.<sup>32</sup> Nesta cidade predominantemente pagã, Agostinho prosseguiu seus estudos

---

<sup>26</sup> Trapè, 2018, p. 27.

<sup>27</sup> *Conf. I*, 14.

<sup>28</sup> *Conf. I*, 14.

<sup>29</sup> Trapè, 2018, p. 27.

<sup>30</sup> Trapè, 2018, p. 35.

<sup>31</sup> Brown, 2010, p. 44.

<sup>32</sup> Trapè, 2018, p. 34.

com ênfase na formação retórica, visando uma carreira como orador. A escola do reitor ensinava eloquência, considerada uma habilidade crucial para alcançar sucesso em uma carreira brilhante. No entanto, a eloquência na época de Agostinho não correspondia ao ideal profundo e ativo do homem culto, tornando-se uma ocorrência solene e mundana utilizada em discursos oficiais, celebrações e eventos literários.

Agostinho iniciou sua leitura com *Hortêncio* de Cícero, uma obra que transcendeu suas bases retóricas ao impactar sua ética e vida religiosa.<sup>33</sup> A descoberta filosófica desencadeada por este livro influenciou profundamente Agostinho, levando-o a apreciar não apenas o estilo, mas também o conteúdo que cativou seu coração.<sup>34</sup>

A cidade de Cartago não apenas moldou Agostinho por meio da leitura filosófica, mas também o introduziu às doutrinas maniqueístas. A influência do maniqueísmo começou a arrebatar o coração e o pensamento do jovem estudante. Seduzido por essas doutrinas ainda adolescente, Agostinho demonstrou um interesse aguçado por argumentos a favor ou contra a heresia.<sup>35</sup>

Romaniano, financiador de Agostinho, também apoiava o maniqueísmo, financiando os estudos de jovens, aproximando o discurso maniqueísta dos financiados. Agostinho, inicialmente atraído para a seita como ouvinte, passou dois anos envolvido nos estudos financiados por Romaniano em Tagaste (374-376).<sup>36</sup> No entanto, por razões pessoais e ambições de carreira, ele retornou a Cartago.

Neste período de sua vida, Agostinho experimenta uma crescente frustração com o maniqueísmo. O estudo das artes liberais e outras leituras submetem os argumentos de sua fé maniqueísta a um teste rigoroso. Abalado pelas dúvidas que surgem, ele decide aguardar a chegada de Fausto, um famoso orador da seita de Roma, na esperança de dissipar suas incertezas. Quando Fausto chega a Cartago em 383, Agostinho, como muitos outros, é inicialmente atraído pela amabilidade, eloquência e elegância de suas palavras. No entanto, ao encontrar-se diretamente com Fausto e expor seus questionamentos, Agostinho percebe que a cultura de Fausto é inadequada para dissipar as complexas e sutis questões que ele enfrenta. Embora a incompetência de Fausto inspire simpatia em Agostinho, ela também representa um golpe duro para suas esperanças. O encontro com Fausto marca o início do desmoronamento do mito que Agostinho havia

---

<sup>33</sup> Vigini, 2012, p. 32-33.

<sup>34</sup> *Conf.* III, 4.

<sup>35</sup> Possídio, 1997, p. 37.

<sup>36</sup> Vigini, 2012, p. 47.

construído em torno da figura do famoso orador.<sup>37</sup> Esses elementos, combinados com o desejo ambicioso de ascender profissionalmente e a frustração resultante do encontro com Fausto, intensificam o desejo de Agostinho de deixar a cidade de Cartago. Em 383, ele toma a decisão de partir.

A cidade de Roma se torna tanto um destino de fuga quanto um local previamente desejado por Agostinho, representando uma maneira de lidar com suas frustrações profissionais e religiosas. A decisão de ir para lá já estava planejada para seu futuro, visando distanciar-se do ambiente educacional que desaprovava e buscando um local mais propício ao conhecimento, com alunos mais ordenados e disciplinados. Essa mudança já era contemplada na dedicatória de sua obra *O Belo e o conveniente a Gerio*<sup>38</sup>, texto de que possuímos apenas fragmentos.<sup>39</sup>

A partida para Roma foi um momento marcante em sua vida, conforme registrado nas *Confissões*. Agostinho relata que sua mãe estava disposta a fazer de tudo para impedirlo de partir, até mesmo segurando-o com força. Para se libertar dela, ele tece uma mentira sobre acompanhar brevemente um amigo. Na calada da noite, enquanto sua mãe chorava e orava, ele parte para Roma, deixando-a com o coração partido. Mais tarde, ele expressa arrependimento por esse evento.<sup>40</sup>

A chegada de Agostinho a Roma não foi suave; ele ficou gravemente doente ao ponto de temer que seu destino fosse a sepultura.<sup>41</sup> Além da doença, enfrentou desafios relacionados ao comportamento dos alunos romanos, que abandonavam os professores antes do pagamento combinado. Isso afetou suas finanças, levando-o a buscar apoio para se sustentar na cidade.<sup>42</sup> Além disso, as necessidades financeiras o levaram a receber apoio dos maniqueístas, um grupo do qual ele desejava se libertar.

A vivência com os maniqueístas aprofundou sua angústia, revelando a superficialidade da crença deles. Apesar disso, Agostinho se viu preso a esse contexto devido às necessidades financeiras. Tentando encontrar uma saída para sua alma aflita, ele iniciou uma busca solitária nos caminhos da filosofia. No entanto, nenhum sistema filosófico experimentado o satisfez, trazendo mais dúvidas do que certezas e deixando

---

<sup>37</sup> Vigni, 2012, p. 52-53.

<sup>38</sup> Trapè, 2018, p. 100.

<sup>39</sup> Brandão; Costa. 2015, p. 67.

<sup>40</sup> *Conf.* V, 8.

<sup>41</sup> *Conf.* V, 9.

<sup>42</sup> *Conf.* V, 12.

uma lacuna em suas reflexões devido à ausência do nome de Cristo Salvador<sup>43</sup>, como ele mesmo destaca em sua obra *Confissões*.<sup>44</sup>

## 2.2. A influência do ceticismo em sua formação

Essa jornada de inquietação também é vista geograficamente, pois sua experiência de professor em Roma foi frustrante. Agostinho decide buscar outros destinos, e Milão se tornará o novo local de sua jornada. Além de oferecer oportunidades profissionais, Milão será o palco de mudanças profundas na vida de Agostinho, abrindo o caminho para sua fé cristã.

Foi durante esse período de profunda frustração com o Maniqueísmo e com o encontro da verdade que tanto desejava, que Agostinho entregou “o timão de meu barco aos acadêmicos”.<sup>45</sup> Quando em Milão para assumir um cargo de professor de retórica que obteve em 384, que o ceticismo acadêmico surge em sua vida como modelo de pensamento a ser observado, “embora se conservasse, ao menos nominalmente, maniqueísta, e ainda aceitasse alguma das posições dessa escola, como por exemplo o materialismo”.<sup>46</sup>

A sua história de adesão à visão céтика não começou durante seus estudos de retórica, ainda na África, mas em Roma. Mesmo frequentando um grupo de maniqueus chamados “eleitos”, ele escreve: “ocorreu-me ao pensamento ter havido uns filósofos chamados acadêmicos, mais prudentes do que os outros, porque julgavam que tudo se havia de duvidar e sustentavam que nada de verdadeiro poderia ser compreendido pelo homem”.<sup>47</sup> Não que durante aquele período ele tenha estudado o pensamento dos acadêmicos, mas aproximou-se de Cícero. Seu biógrafo, Giuliano Vigini, traça uma linha histórica da sua formação, que começa com a retórica, se apaixonou por filosofia, foi Maniqueu até viver uma frustração com sua doutrina, caminhou com o ceticismo, se converteu intelectual e espiritualmente à fé cristã.<sup>48</sup>

O próprio pensamento de Cícero, muito importante para essa fase da vida do hiponense, era uma grande advertência contra o maniqueísmo. Enquanto o mestre maniqueu via na visão de Mani elementos dogmáticos sobre a realidade e isso

---

<sup>43</sup> Vigini, 2012, p. 55.

<sup>44</sup> *Conf.*, III, 4.

<sup>45</sup> *De bea. vit.* I, 4.

<sup>46</sup> Copleston, 2021, p. 525.

<sup>47</sup> *Conf.* V, 10.

<sup>48</sup> Vigini, 2012, p. 74.

categorizava a sabedoria, para Cícero o sábio “deveria andar com mais cautela: sua maior virtude estava na suspensão de juízo”.<sup>49</sup> De acordo com o pensamento de Cícero, Agostinho teria cometido um grande erro ao acolher o maniqueísmo em sua busca pela verdade. Entretanto, o mesmo pensamento de Cícero foi para ele um bálsamo intelectual para lidar com sua frustração.<sup>50</sup>

O período de ceticismo na vida de Agostinho é curto, mas significativo, pois influenciou profundamente seu desenvolvimento intelectual e espiritual.<sup>51</sup> O próprio menciona esse fato em seus escritos, destacando como, por um tempo, encontrou no ceticismo um refúgio intelectual. Ele escreve: “Inicialmente quando eu vendia essas ideias [pensamento cético], pareceu-me, como é natural, que era um refúgio admiravelmente coberto e definido”.<sup>52</sup> Este período de ceticismo foi uma fase em que Agostinho explorou a dúvida e a busca pela verdade, antes de encontrar na fé cristã a base sólida para seu conhecimento e convicções. Essa experiência cética, embora breve, contribuiu para moldar sua abordagem crítica e reflexiva, que ele posteriormente utilizou para refutar o próprio ceticismo e afirmar a possibilidade de alcançar a verdade através da fé e da razão. Brown coloca nos seguintes termos esse momento da vida de Agostinho: “esse período comparativamente curto de incerteza foi um dos momentos decisivos mais cruciais e menos conhecidos de sua vida”.<sup>53</sup>

Esse momento breve e pouco mencionado impede um exame mais detalhado de como a vivência em um período cético impactou a vida de Agostinho. Certamente, esse impacto foi significativo, pois um dos primeiros movimentos após sua conversão foi refutar o ceticismo que antes havia acolhido. No entanto, não deixou muitas pistas sobre como exatamente viveu esse período.

### 2.3. O papel de Cícero e do neoplatonismo na transição agostiniana

A trajetória intelectual de Agostinho é carregada de movimento, criando em um lar católico, passando pelo maniqueísmo, flirtando com o ceticismo e transacionado para um neoplatonismo com roupagem cristã. A influência recebida dessas duas últimas escolas do conhecimento, ceticismo e neoplatonismo, é tema fundamental para a compreensão dessa trajetória, especialmente para sua adesão a fé cristã. O ceticismo experimentado por

---

<sup>49</sup> Brown, 2020, p. 95.

<sup>50</sup> Brown, 2020, p. 95.

<sup>51</sup> King, 2016, p. 182.

<sup>52</sup> *c. Acad.* 3, XV, 34.

<sup>53</sup> Brown, 2020, p. 95.

Agostinho, mesmo que por um curto período<sup>54</sup>, foi profundamente impactante em seu pensamento. “Agostinho nos diz que, entre seu desencantamento com o maniqueísmo e sua descoberta do platonismo, adotou a atitude cética de suspender seu consentimento a toda a verdade”.<sup>55</sup> As raízes do pensamento cético foram profundas ao ponto de precisar ser um assunto resolvido em sua história para que continuasse sua busca pela verdade.

Cícero teve um papel significativo nesse contexto, na realidade em toda a vida do autor cristão, pois foi fonte para o conhecimento do pensamento da Nova Academia. O encontro do hiponense com a impossibilidade de encontrar certezas absolutas gerou um desconforto profundo ao ponto de ser um dos primeiros obstáculos a ser superado. Ele escreve: “Era-me necessário, de fato, refutar suas argumentações, com as quais pretendiam fortalecer o desespero de encontrar a verdade”.<sup>56</sup> Essa afirmação revela a agudeza do pensamento recebido de Cícero, e como ele lidou com isso no início de sua fé, trabalho que resultou em sua obra *Contra Acadêmicos*.

No entanto, Agostinho não acreditava que os acadêmicos fossem céticos realmente, mas “que só usavam o ceticismo como uma cortina de fumaça para proteger o ensinamento platônico [...] da má compreensão de seus opositores menos preparados espiritualmente”.<sup>57</sup> Ele escreveu:

E assim quando Zenão, líder dos estoicos, que já havia ouvido e admitido certas teses, veio à escola deixada por Platão e então dirigida por Pólemon, creio que o tomaram por suspeito e considerado tal que não se lhe devia entregar e confiar facilmente os ensinamentos por assim dizer sacrossantos de Platão, antes que tivesse esquecido as teorias que tinha aprendido de outros e trazido para aquela escola. Morre Pólemon e sucede Arcesilau, condiscípulo de Zenão, mas formado sob o magistério de Pólemon. Por isso, como Zenão se lisonjeava de uma doutrina sua sobre o mundo e principalmente sobre a alma, tema que mantém sempre vigilante a verdadeira filosofia, dizendo que a alma é mortal e que não há nada fora deste mundo sensível e que tudo nele é obra do corpo (pois achava que o próprio deus era fogo), Arcesilau, a meu ver, com muita prudência e utilidade, ao ver aquele mal espalhar-se largamente, ocultou completamente a doutrina da Academia, enterrando-a como ouro para que alguma vez a descobrissem os pôsteros. Por isso, como a multidão é propensa a cair em opiniões falsas e o hábito das coisas corporais leva facilmente, mas não sem perigo, a crer que tudo é corporal, aquele homem tão penetrante e culto decidiu antes desinstruir aqueles que via estarem mal instruídos que instruir os que não julgava capazes de aprender. Daqui provêm todas essas teorias que se atribuem à Nova Academia e das quais os antigos não tinham necessidade.<sup>58</sup>

---

<sup>54</sup> King, 2016, p. 182.

<sup>55</sup> Cary, 2018, p. 226.

<sup>56</sup> *ench.*, 7, 20.

<sup>57</sup> Cary, 2018, p. 226.

<sup>58</sup> *c. Acad.*, III, 38.

Mesmo que a maioria dos estudiosos não considere válida a análise histórica de Agostinho sobre o desenvolvimento da Academia, pode se inferir que o ceticismo acadêmico foi propedêutico ao platonismo no desenvolvimento do pensamento agostiniano.<sup>59</sup>

O neoplatonismo se torna para ele um elemento fundamental para lidar com as dúvidas que mantinha e para a superação de seu ceticismo. O que, provavelmente, só aconteceu depois do seu primeiro ano em Milão, pois até o momento “Agostinho parece haver-se concentrado apenas em suspender o juízo”.<sup>60</sup> O contato com os escritos de Plotino e Porfírio permitiu uma aproximação ao pensamento fundamental do platonismo. Essa tradição filosófica forneceu para o hiponense um sistema metafísico que o auxiliou na reconciliação de razão e contemplação, preparando o terreno para sua conversão à fé cristã. Esse momento de virada não só afastou Agostinho do pensamento recebido por Cícero, mas também o direcionou a um novo compromisso, que o aproximou da teologia cristã.

Essa aproximação de Agostinho do neoplatonismo foi proporcionada pelo próprio ambiente de Milão, onde Ambrósio citava com muita frequência filósofos neoplatônicos durante suas preleções. Assim como por meio de leituras de um homem não nominado em suas *Confissões* que teria feito chegarem algumas obras platônicas.<sup>61</sup> Entre esses livros, “ao que parece, estariam incluídos muitos tratados de Plotino, na tradução de Mário Vitorino para o latim, e, possivelmente, pelo menos um livro de Porfírio, hoje perdido”.<sup>62</sup> Esse ambiente influenciou um novo cenário em que a verdade não era inalcançável, mas possível.

O neoplatonismo desempenhou um papel importante na trajetória do pensamento de Agostinho, pois o “problema do mal não deixava de vir à sua cabeça”.<sup>63</sup> O auxílio desses filósofos nesse assunto não foi sobre a origem do mal, mas o que é o mal. “Agostinho aprendeu [...] que o mal não é substância, mas privação; que o mal, por isso, não pode existir senão no bem, do qual representa um dano e uma corrupção”.<sup>64</sup> Ele escreve:

---

<sup>59</sup> Cary, 2018, 226.

<sup>60</sup> Brown, 2020, p. 107.

<sup>61</sup> *Conf.* VII, 9, 13.

<sup>62</sup> Brown, 2020, p. 113.

<sup>63</sup> Trapè, 2018, p. 143.

<sup>64</sup> Trapè, 2018, p. 148.

Vi claramente que todas as coisas que se corrompem são boas: não se poderiam corromper se fossem sumamente boas, nem se poderiam corromper se não fossem boas. Com efeito, se fossem absolutamente boas, seriam incorruptíveis, e se não tivessem nenhum bem, nada haveria nelas que se corrompesse. De fato, a corrupção é nociva, e se não diminuísse o bem, não seria nociva. Portanto, ou a corrupção nada prejudica - o que não é aceitável - ou todas as coisas que se corrompem são privadas de algum bem. Isto não admite dúvida. Se, porém, fossem privadas de todo o bem, deixariam inteiramente de existir. Se existissem e já não pudessem ser alteradas, seriam melhores porque permaneciam incorruptíveis.<sup>65</sup>

O resultado dessa caminha intelectual é sua conversão à fé cristã. Entretanto, sua conversão não foi ao neoplatonismo propriamente. O resultado filosófico desse momento é uma integração do neoplatonismo com a doutrina cristã. Como argumenta Marcondes, “é o platonismo, sobretudo, discutido à luz da doutrina cristã, que constitui o pano de fundo filosófico do seu pensamento”.<sup>66</sup> O dualismo entre o mundo sensível e o inteligível, a concepção do Bem como princípio supremo e a centralidade da alma como a parte da natureza humana mais próxima de Deus são elementos herdados do pensamento de origem grega que encontram expressão na teologia agostiniana, mesmo que alguns desses elementos sejam refinados posteriormente.

“Embora a dúvida cética talvez fosse uma ferramenta útil para refutar o materialismo dos estoicos e maniqueístas, tornou-se perigosa quando usada como um fim em si, pois cortava a possibilidade de discussão racional.”<sup>67</sup> Contra essa visão do ceticismo, o recém-convertido se coloca firmemente. Para Agostinho, a procura da verdade não é apenas um exercício intelectual, mas um objetivo essencial da vida humana, pois ela é um bem que não pode ser retirado, sendo permanente, Deus é esse bem que traz felicidade plena.<sup>68</sup> Ele argumenta que a felicidade genuína reside não apenas na busca incessante pela verdade, mas em realmente encontrá-la. Agora, munido desse novo arcabouço filosófico/teológico, estar de posse da verdade é a verdadeira fonte de felicidade, e essa verdade é alcançada através de uma combinação de fé e razão. Dessa forma, ele critica o ceticismo extremo por sua incapacidade de proporcionar uma conclusão satisfatória à busca humana pelo conhecimento, afirmando que a verdade é acessível e que sua posse é fundamental para a realização e bem-estar do indivíduo.

Por fim, o conhecimento que ele recebeu de Cícero da Nova Academia foi importante para seu abandono definitivo do maniqueísmo, mas é na confluência do

---

<sup>65</sup> *Conf.*, VII, 12.

<sup>66</sup> Marcondes, 2007, p. 53.

<sup>67</sup> Heil, 1972, p. 100.

<sup>68</sup> *b. vita*, II, 11.

pensamento neoplatônico com a teologia cristã que ele é conduzido a sua conversão e formação inicial de seu pensamento filosófico e teológico. Em sua crítica ao ceticismo acadêmico, começa a delinear-se a sua visão sobre o conhecimento e a verdade, que se apresenta como uma união entre fé e razão. Tema abordado e ampliado no capítulo 4 dessa dissertação.

#### **2.4. A conversão e a superação do ceticismo**

Agostinho chegou a Milão nos primeiros dias de outubro de 384, impulsionado pela oportunidade de ocupar a cátedra de professor de retórica na cidade. Essa posição foi possível graças ao apoio do influente maniqueísta Quinto Aurélio Símaco, prefeito de Roma, que recebeu uma carta solicitando um candidato para o cargo. O respaldo de Símaco era crucial, uma vez que Agostinho, por sua juventude, considerava essa oportunidade como um passo significativo para o desenvolvimento de sua carreira e para alcançar suas ambições futuras.<sup>69</sup>

Ao estabelecer-se em Milão, Agostinho, como parte da política de seu tempo, visita o Bispo Ambrósio. Inicialmente, o encontro não era motivado por um desejo genuíno, mas pela importância social de Ambrósio. No entanto, essa visita teve um impacto significativo em Agostinho, que começou a apreciar Ambrósio não apenas como mestre da Verdade, mas também como um homem benevolente. A gentileza de Ambrósio cria uma predisposição favorável em Agostinho, que gradualmente se aproxima da pregação e dos ensinamentos do Bispo. No início, sua atenção está mais na forma e eloquência de Ambrósio, mas com o tempo, a vida católica intelectual e ascética do Bispo começa a conquistar o coração de Agostinho, atendendo às suas exigências tanto intelectuais quanto práticas.<sup>70</sup>

Esse novo ambiente, aliado à sua frustração com o maniqueísmo, marca o início dos passos de Agostinho em direção à conversão à fé cristã. Enfrentando desafios intelectuais, Agostinho vê seu racionalismo, materialismo e ceticismo gradativamente cederem diante do ambiente intelectualmente rico e católico de Milão. Ambrósio e Simpliciano, outro sacerdote douto com quem Agostinho discute filosofia neoplatônica, através de pregações e conversas, revelam ao professor de retórica a beleza intelectual da fé cristã, marcando assim a história da conversão desse grande pensador.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> Brown, 2010, p. 85.

<sup>70</sup> Trapè, 2018, p. 116.

<sup>71</sup> Trapè, 2018, p. 123.

A jornada de Agostinho em direção à conversão cristã em Milão foi impulsionada pelas exposições alegóricas de Ambrósio sobre textos do Antigo Testamento, que o ajudaram a superar suas dificuldades pessoais na interpretação desses escritos. As homilias do Bispo de Milão, especialmente sobre *Hexamerão*, *Isaac e a alma*, e *O bem da morte*, desempenharam um papel crucial ao apresentar Agostinho a uma compreensão das Escrituras diferente daquela que ele conhecia de sua juventude em sua terra natal.<sup>72</sup>

A figura de Simpliciano também se destaca nesse processo de conversão. A amizade entre os dois não apenas aprofundou a compreensão intelectual de Agostinho na fé cristã, mas também teve um impacto prático e espiritual significativo. Simpliciano desempenhou um papel orientador tanto no plano filosófico quanto no moral, complementando as indicações de Ambrósio no âmbito exegético e doutrinal. Ele apresentou a Agostinho um cristianismo que não era apenas uma especulação abstrata, mas um testemunho concreto, envolvendo toda a existência no sinal do amor encarnado.<sup>73</sup>

O ambiente de Milão, impregnado de cristianismo intelectual, litúrgico e ascético, trabalhou no coração do professor de retórica, promovendo uma mudança significativa em sua vida. A história da conversão de Agostinho é delineada através das frustrações filosóficas, da superação das dificuldades na interpretação das Escrituras, da apreciação da beleza do cristianismo sob a ótica do neoplatonismo e da visão de uma vida cristã prática.

A mudança espiritual experimentada por Agostinho resultou em transformações profundas em sua vida, incluindo uma mudança em sua posição social, levando-o a abandonar o cargo de professor, e uma transformação em sua sexualidade, ao abraçar o celibato e renunciar à possibilidade de se casar.<sup>74</sup>

O retorno de Agostinho para sua terra natal ocorreu em várias etapas. Inicialmente, ele se retirou para um período de isolamento e reflexão na casa de um amigo chamado Verecundo, na região de Cassicíaco, não muito distante de Milão. Esse local serviu como um refúgio, onde familiares e amigos, incluindo sua mãe Mônica, o filho Adeodato, o amigo Alípio e outros, o acompanharam. Durante esse período, Agostinho participou de

---

<sup>72</sup> Moreschini; Norelli, 2020, p. 17.

<sup>73</sup> Vigini, 2012, p. 63.

<sup>74</sup> Orcasitas, 2023, np.

conversas de caráter filosófico conhecidas como *Dialoghi*<sup>75</sup> e se dedicou a uma fecunda atividade literária.

A segunda etapa envolveu sua vida como catecúmeno, quando Agostinho regressou a Milão e começou sua preparação para o batismo. O catecumenato era um período litúrgico-pastoral da Igreja destinado a acompanhar pessoas adultas que manifestavam a intenção de se converter ao Cristianismo.<sup>76</sup> Durante esse tempo, Agostinho foi submetido às homilias de Ambrósio de forma mais constante, indo além da observação retórica anterior. Essas pregações apresentavam um ideal moral baseado na vida e obra de personagens do Antigo Testamento, influenciando Agostinho em aspectos intelectuais, morais e retóricos.<sup>77</sup>

Após o período de catequese, Agostinho e seu amigo Alípio, juntamente com seu filho Adeodato, receberam o sacramento do batismo. O batismo foi administrado por Ambrósio na noite do Sábado Santo, em 24 de abril de 387. Agostinho expressou sua profunda experiência durante esse momento, destacando a doçura inefável ao considerar a profundidade dos planos divinos para a salvação da humanidade. Ele descreveu emoções intensas ao ouvir hinos e cânticos na igreja, sentindo-se comovido e consolado, expressando gratidão por ter abandonado as preocupações da vida passada.<sup>78</sup>

Depois do significativo momento do batismo, Agostinho e seus companheiros, incluindo sua mãe Mônica, decidiram retornar à África, sua região de origem, para testemunhar da fé e continuar em uma vida reflexiva e monacal.<sup>79</sup> O itinerário de retorno incluía passar por Roma e embarcar no porto de Óstia. No entanto, o que deveria ser um percurso relativamente curto se prolongou devido ao adoecimento e morte de sua mãe, além de uma guerra nos arredores. Esse imprevisto fez com que Agostinho e sua comitiva permanecessem na região romana por aproximadamente um ano.

Durante esse período em Roma, antes de viajar para Tagaste, os detalhes específicos da vida de Agostinho não são muito claros em sua biografia. Alguns elementos que podem

---

<sup>75</sup> Sobre a produção literária de Agostino neste momento de sua vida, Giuliano Vigini (2012, p.81), faz o seguinte comentário em uma nota de rodapé: “O primeiro volume dos *Dialoghi* na edição organizada por Domenico Gentile para “Nuova Biblioteca Agostiniana” (Roma, Città Nuova, 1982). Os “*Dialoghi*” de Cassiciaco são quatro: *La controvérsia académica*; *La felicità*; *I soliloqui*. Depois de seu retorno de Cassiciaco para Milão, mas antes do Batismo, Agostinho escreve também *L’immortalità dell’anima*. Sobre esses escritos vejam-se as atas da primeira parte do Congresso (1- 4 de outubro de 1986), “Agostino nas terras de Ambrósio”, reunidos em *L’opera letteraria di Agostino tra Cassaciaco e Milano*. Palermo, Agustinus, 1988.”

<sup>76</sup> Vigini, 2012, p. 83.

<sup>77</sup> Vigini, 2012, p. 84.

<sup>78</sup> *Conf.* IX, 6.

<sup>79</sup> Vigini, 2012, p. 89.

ser rastreados incluem suas visitas a mosteiros masculinos e femininos, que contribuiriam para a formação do mosteiro que ele organizaria no futuro. Além disso, Agostinho passou por um período de reflexão ao lado de seu filho Adeodato e amigos, iniciou algumas obras que seriam concluídas posteriormente e enfrentou um longo e reflexivo período de luto pela perda de sua mãe.<sup>80</sup> Esses eventos foram elementos importantes que antecederam sua entrada na vida eclesiástica e na pregação cristã litúrgica.

O percurso intelectual e espiritual de Agostinho de Hipona, conforme delineado neste relato, revela uma jornada complexa marcada por diversas influências e transformações. Sua formação inicial em Madaura e Cartago, permeada pela busca da eloquência e retórica, foi fundamental na construção de suas habilidades intelectuais, apesar das frustrações com o ensino do grego e as influências pagãs presentes. O contato com o maniqueísmo durante sua juventude, impulsionado pelo financiamento de Romaniano, delineou uma fase de sua vida marcada por questionamentos filosóficos e espirituais, culminando na frustração com Fausto e incentivando sua mudança para Cartago.

O descontentamento com o ambiente intelectual e religioso em Cartago o levou a buscar refúgio em Roma, onde enfrentou desafios financeiros e teve um contato mais profundo com os maniqueístas. No entanto, a superficialidade dessa experiência contribuiu para o aprofundamento de suas dúvidas filosóficas. A mudança para Milão, marcada pelo apoio de Símaco e pela ocupação do cargo de professor de retórica, trouxe Agostinho para um ambiente cristão mais robusto. O encontro com o Bispo Ambrósio e o sacerdote Simpliciano desempenharam papéis cruciais em sua conversão gradual ao cristianismo.

A última fase descrita destaca a significativa mudança em Agostinho após seu batismo em Milão, culminando em sua decisão de retornar à África. Seu itinerário incluiu um período de isolamento e reflexão em Cassiciaco, marcado por diálogos filosóficos, e uma fase de catequese, durante a qual Agostinho se preparou para o batismo sob a orientação de Ambrósio e Simpliciano. A conversão teve impacto não apenas em sua espiritualidade, mas também em sua vida prática, evidenciada pela renúncia ao cargo de professor e a opção pelo celibato. O retorno a Tagaste após a morte de sua mãe marcou o início de sua vida eclesiástica e da pregação cristã litúrgica, encerrando um capítulo significativo em sua busca por sentido e verdade.

---

<sup>80</sup> Vigni, 2012, p. 94-95.

### 3 A CRÍTICA DE AGOSTINHO AO CETICISMO

No capítulo anterior, foi apresentado o desenvolvimento do pensamento de Agostinho e como o ceticismo esteve presente durante um período de sua trajetória intelectual. No presente capítulo, analisaremos como o bispo de Hipona criticou o ceticismo acadêmico em seu percurso intelectual. Em sua principal obra sobre o tema, *Contra os Acadêmicos*, ele se opõe à negação da possibilidade de conhecimento verdadeiro e busca apresentar as razões para isso, sempre ancorado nos fundamentos da fé cristã recém-descoberta. Sua construção crítica parte de alguém que passou internamente pelo ceticismo, especialmente como recebido por Cícero.

A estrutura do capítulo terá, em um primeiro momento, uma análise de como Agostinho receptionou e expôs o pensamento cético, especialmente como entendeu com as leituras que fez de Cícero e da negação da possibilidade de conhecimento. Em um segundo momento, serão examinados os argumentos por ele formulados contra o ceticismo, especialmente, mas não exclusivamente, no *Contra os Acadêmicos*. O objetivo será apresentar o argumento agostiniano para a superação da suspensão de juízo e afirmar que o conhecimento é possível. Por fim, o tema da distinção entre o conhecimento humano e o conhecimento divino será abordado, assunto importante para a construção de sua síntese entre fé e razão.

O itinerário capitular apresentado visa compreender não só como Agostinho buscou refutar o ceticismo acadêmico, pelo menos o que ele receptionou, mas como reformulou a própria noção de conhecimento, formando uma epistemologia baseada na fé e na razão. Conhecimento este, que não é um abandono da filosofia ou do fazer filosófico, mas representa sua maturidade intelectual e o reconhecimento de que a verdade só pode ser plenamente satisfeita em Deus.

#### 3.1. A leitura agostiniana de Cícero e a negação da possibilidade de conhecimento

O primeiro contato de Agostinho com Cícero, com seus 19 anos de idade em Cartago, acontece em um dos seus momentos de dificuldade. Seu pai, Patrício, morre em 371, deixando a família em um cenário de dificuldades e colocando em questão a continuidade dos estudos superior do futuro bispo de Hipona.<sup>81</sup> A continuidade de sua

---

<sup>81</sup> Costa, 2015, p. 94.

educação só foi possível graças a um patrocinador, um Maniqueu chamado Romaniano. É nesse período de formação que ele lê *Hortênsio* de Cícero. Este, “desiludido das suas ambições políticas, volta-se para a Filosofia, onde procura encontrar a felicidade na meditação da verdade-sabedoria eterna”.<sup>82</sup> Obra que destaca a elevação intelectual, a Filosofia, como meio de aproximação com o divino. Agostinho escreve:

Seguindo o programa do curso, cheguei ao livro de Cícero, cuja linguagem, mais do que o coração, quase todos louvam. Esse livro contém uma exortação ao estudo da filosofia. Chama-se *Hortênsio*. Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces transformando as minhas aspirações e desejos. Imediatamente se tornaram vis, a meus olhos, as vãs esperanças. Já ambicionava, com incrível ardor do coração, a Sabedoria imortal. Princípiava a levantar-me para voltar para Vós. Não era para limar a linguagem - aperfeiçoamento que, segundo o meu parecer, compraria à custa do dinheiro da minha mãe -, não era para limar a linguagem, repito, que utilizava aquele livro - contando eu dezenove anos de idade e havendo já decorrido dois, após a morte de meu pai. Não era o estilo, mas sim o assunto tratado que me persuadia a lê-lo.<sup>83</sup>

Entretanto, esse primeiro contato de Agostinho não o conduziu a seu momento de negação da possibilidade de conhecimento, mas fez de Cícero uma referência que iria acompanhá-lo em toda sua caminhada, em alguns momentos como inspiração, outros como alvo de sua apologética. Curley destaca que Agostinho deve ter tido contato com todos os livros de Cícero ao longo de sua formação.<sup>84</sup>

A influência de Cícero em Agostinho não ocorreu somente via leitura, mas por personagens importantes de sua história, que também foram influenciados por Cícero. Ambrósio, bispo de Milão, que por meio de suas pregações ajudou Agostinho na reconciliação entre o Novo e Antigo Testamento, tinha em suas preleções ecos do pensamento de Cícero. Outra influência foi Mário Vitorino, um conhecido retórico que tinha comentado os *Topica* de Cícero, convertido ao cristianismo, serviu de inspiração para o futuro bispo.<sup>85</sup>

Como destaca Curley, “O conhecimento que Agostinho tem da Antiga e Nova Academia deriva de Cícero”.<sup>86</sup> Entretanto, como inicialmente apresentado, sua relação com o pensamento recebido do pensador romano não foi um acolhimento acrítico e passivo, o que ocorreu com a questão cética. Houve um momento em sua história em que

---

<sup>82</sup> Costa, 2015, p. 95.

<sup>83</sup> *Conf.* III, 4.

<sup>84</sup> Curley, 2018, p. 227.

<sup>85</sup> Curley, 2018, p.227.

<sup>86</sup> Curley, 2018, p. 227.

a suspensão de juízo parecia fazer sentido com sua busca pela verdade, especialmente após sua frustração com o maniqueísmo, sistema de pensamento a que havia dedicado dez anos de sua vida.<sup>87</sup> Contudo, sua aproximação dos ensinos cristãos, na eloquência de Ambrósio, e conhecimentos filosóficos de Simpliciano, foi se distanciando da negação da possibilidade de conhecimento.

Já em seu *Contra os Acadêmicos*, um texto em forma de diálogos escrito durante o retiro de Cassicíaco, “questiona abertamente a autoridade de Cícero para considerá-lo não mais como uma autoridade que se deve simplesmente acatar, mas como um grande pensador com o qual é preciso contar”.<sup>88</sup> Agostinho reconhece a importância do pensador romano na propagação da filosofia grega entre os latinos, assim como sua capacidade retórica que lhe serve de referencial.<sup>89</sup> Entretanto, a sua apreciação não o impediu de rejeitar elementos de seu pensamento, como as implicações morais do ceticismo. Para o pensador cristão, a “suspensão de juízo” levada às últimas consequências poderia conduzir a situação perigosa. Em *Contra os Acadêmicos*, ele deixa claro ao expressar essa indignação caso esse tipo de pensamento formasse a moral da juventude.<sup>90</sup>

O pensamento acadêmico recebido de Cícero perdurou e ecoou em outras obras de Agostinho. Em um texto de fim de vida, escrevendo para Lourezo, um jovem que pede para o bispo de Hipona um manual para viver de modo sábio<sup>91</sup>, ele apresenta a seguinte definição de ceticismo:

os acadêmicos, homens perspicacíssimos, sobre se o sábio deve afirmar algo para não cair em erro ao tomar o falso como verdadeiro, uma vez que, segundo eles sustentam, todas as coisas são ocultas ou incertas. Sobre essa questão, escrevi, nos primórdios de minha conversão, três livros, para que não me servissem de obstáculos as dúvidas que surgiam logo no início. [...] Afirmando que todo erro é pecado e sustentam que ele só pode ser evitado suspendendo-se todo assentimento. Dizem, portanto, que erra todo aquele que assente ao incerto, e discutem, com argumentos extremamente perspicazes, mas muito audaciosos, que nada é certo nas percepções dos sentidos, por causa da inseparável semelhança com o falso, ainda que aquilo que se perceba seja verdadeiro.<sup>92</sup>

Sua rejeição, que foi ocorrendo de forma gradual, foi fruto de seu aprofundamento no pensamento cristão, aperfeiçoamento que o levou a reavaliar as implicações da

---

<sup>87</sup> *Conf.*, V, 3.

<sup>88</sup> Curley, 2018, p. 277.

<sup>89</sup> *Doc. Chris.*, IV, 18, 34.

<sup>90</sup> *c. Acad.*, III, 35.

<sup>91</sup> *ench.*, I, 4.

<sup>92</sup> *ench.*, VII, 20.

suspensão do juízo. Se, por um lado, o pensamento de Cícero o havia levado a questionar a possibilidade de conhecimento seguro, por outro, sua aproximação com o cristianismo lhe proporcionou uma nova perspectiva epistemológica, que Étienne Gilson sinaliza que o recém-convertido já tinha de posse quando escreve.<sup>93</sup> Para Agostinho, a verdade não poderia ser inacessível ao ser humano, pois isso comprometeria a própria possibilidade da fé. A verdade revelada que ele abraçou, exigia um afastamento da radicalização cética, que, ao negar qualquer certeza, inviabilizava o próprio fundamento da religião cristã.

Ademais, sua crítica ao pensamento cético, pelo menos como ele o recebeu, se fundamenta na necessidade de um critério para distinguir o verdadeiro do falso. Enquanto o ceticismo propunha a suspensão de juízo como único caminho seguro para evitar o erro, Agostinho argumentava que a busca pela verdade pressupõe um ponto de partida confiável. Argumento que aparece em outras obras suas, como no *De beata vita*, quando em diálogo com Navígio sobre algum conhecimento que se pode ter certeza, pergunta: “Sabes pelo menos que vives?” (*Scisne, inquam, saltem te vivere?*).<sup>94</sup> Esse ponto, para ele, estava na certeza do pensamento consciente de si — uma antecipação do princípio cartesiano *cogito, ergo sum*<sup>95</sup> — e na confiabilidade da iluminação divina, que capacita ao intelecto humano a possibilidade de alcançar o conhecimento verdadeiro.

Além disso, sua crítica ao ceticismo não se limitava ao campo epistemológico, mas também ao âmbito moral e espiritual.<sup>96</sup> Para o bispo de Hipona, a impossibilidade de conhecimento seguro conduziria a um relativismo perigoso, comprometendo a noção de bem e mal.<sup>97</sup> Se nada pode ser conhecido com certeza, então os princípios éticos tornam-se instáveis, abrindo caminho para um subjetivismo incompatível com a vida cristã. A verdade, para Agostinho, não era apenas um problema intelectual, mas um fundamento indispensável para a ordenação da alma e da sociedade.

Essa sua compreensão se reflete no entendimento que tem sobre a sabedoria cristã, especialmente em textos posteriores como *O Livre-Arbítrio* e *A Cidade de Deus*, nos quais a busca pelo conhecimento não é um fim em si mesma, mas um caminho para a união com Deus. Como destaca Nash, para Agostinho a “sabedoria é a piedade, a adoração de Deus, o único que pode dar a verdadeira beatitude”.<sup>98</sup> Diferente dos céticos

---

<sup>93</sup> Gilson, 2010, p. 85.

<sup>94</sup> *b. Vita.*, 2, 7.

<sup>95</sup> Gilson, 2010, p. 89.

<sup>96</sup> Cary, 2018, p. 226.

<sup>97</sup> Aguirre, 2016, p. 48.

<sup>98</sup> Nash, 2018, p. 858.

com sua negação da possibilidade de conhecimento, Agostinho acreditava que quando a fé e a graça de Deus atuam no intelecto humano é possível alcançar um conhecimento real. Isso pode ser visto em sua trajetória intelectual, que passa por um movimento que vai da influência inicial de Cícero e da Nova Academia para uma síntese entre razão e fé, onde o conhecimento não é negado, mas subordinado à verdade transcendente revelada por Deus.

Ao longo de sua vida e obra, Agostinho construiu um pensamento que reconhecia a importância da razão, mas que a via como insuficiente sem a fé. Para ele, a verdadeira sabedoria estava na comunhão com Deus e em fazer sua vontade, que não apenas é o fundamento último do conhecimento, mas também sua garantia. A razão, quando iluminada pela fé e graça divina, permite ao ser humano alcançar um conhecimento seguro, pois não é fruto de incertezas. “A verdade vem de Deus, pois é mais verdadeiro dizer que nós somos de Deus do que Deus é em nós”<sup>99</sup>, escreve Étienne Gilson sobre como Agostinho via esse desenvolvimento do conhecimento. Em sua trajetória filosófica e espiritual, pode se perceber sua convicção de que a inteligência humana encontra sua plenitude quando orientada pela revelação divina.

Portanto, a relação de Agostinho com o pensamento de Cícero não foi de mera aceitação ou simples rejeição, mas uma caminhada crítica que contribuiu para a formulação de sua epistemologia cristã. “De um extremo ao outro de sua vida, Agostinho retorna a Cícero, mas ao mesmo tempo, distancia-se dele, reconhecendo, como cristão, que havia em seu pensamento muitos elementos incompatíveis com a fé”.<sup>100</sup> Seu diálogo com o ceticismo acadêmico, como recebido por meio do político romano, ao invés de afastá-lo da busca pela verdade, tornou-se um elemento importante na construção de sua teologia e filosofia. A forma como lidou para superar o ceticismo que o assombrava, não significou uma negação da razão, mas resultou na integração entre esta e sua nova visão em que a fé e a revelação desempenham um papel central. Nesse sentido, Agostinho não apenas refutou o ceticismo, mas soube incorporá-lo como um desafio que o levou a aprofundar sua compreensão da verdade e da relação entre razão e fé.

---

<sup>99</sup> Gilson, 2010, p. 159.

<sup>100</sup> Curley, 2018, p. 228.

### 3.2. Os argumentos de *Contra os Acadêmicos* contra o ceticismo

O debate contra o pensamento dos Acadêmicos que o livro de Agostinho trava, inicia-se com um movimento de aprendizado entre Licêncio e Trigêncio com a moderação do futuro bispo de Hipona. Quando os seus amigos encerram o assunto sem um vencedor, Agostinho continua o diálogo com Alípio até o momento em que passa a seguir em um discurso contínuo que marcará o último livro da obra.

Antes de levantar seus argumentos contra o pensamento cético, Agostinho afirma que os “Acadêmicos sustentam duas coisas, contra as quais decidimos lutar: nada se pode conhecer e não se deve dar assentimento a nada”.<sup>101</sup> Por conhecimento, ele complementa dizendo: “que nada pode saber ao certo em filosofia”.<sup>102</sup> Sua crítica repousa sobre o elemento epistêmico dessa escola de filosofia – nada pode ser conhecido com certeza em filosofia – e no campo prático – por supostamente assentirem ao provável, conceito questionado por Agostinho<sup>103</sup>, pois do seu ponto de vista, “quem nada aprova, nada faz”.<sup>104</sup> A partir desse ponto ele segue sua crítica. Importante ressaltar que a presente pesquisa não objetiva considerar todos os seus argumentos ou definir se foi vitorioso ou não, mas entender seu movimento intelectual que culmina na sua síntese entre fé e razão.

No livro III, X, 23 de *Contra os Acadêmicos*, como primeiro movimento contra a epistemologia cética, Agostinho desenvolve uma série de proposições dialéticas para ilustrar suas ideias diante de Licêncio e dos outros participantes do diálogo. Defendendo-se do argumento acadêmico de que a discordância entre os sábios sobre assuntos da filosofia (Demócrito, Epicuro e outros) é prova da incerteza, ele mostra que mesmo sem conhecer a verdade específica, é possível conhecer formas válidas de proposições e reconhecer seu valor lógico.<sup>105</sup> Ao discutir a natureza das proposições disjuntivas – aquelas formuladas na estrutura “ou... ou...” –, Agostinho argumenta que, em determinados casos, é necessário reconhecer a validade da disjunção como verdadeira. Por exemplo, ou o mundo é uno, ou não é<sup>106</sup>; não há uma terceira opção. Por isso, o cético

---

<sup>101</sup> *c. Acad.* III, X, 22.

<sup>102</sup> *c. Acad.* III, X, 23.

<sup>103</sup> Agostinho critica de forma incisiva a postura dos céticos acadêmicos, que afirmam suspender o juízo, mas ainda assim pautam suas ações pelo que consideram “provável”. Utilizando a analogia dos dois viajantes, ele argumenta que essa confiança no provável não evita o erro prático, e que a recusa em aderir à verdade, mesmo quando acidentalmente se acerta o caminho, revela uma incoerência perigosa. Para Agostinho, tal postura compromete tanto a busca da verdade quanto a ação prudente no mundo (*c. Acad.* III, XV, 33–34).

<sup>104</sup> *c. Acad.* III, XV, 33.

<sup>105</sup> *c. Acad.* III, X, 23.

<sup>106</sup> *c. Acad.* III, X, 23.

deveria assumir que é verdadeiro que uma das alternativas corresponde a realidade, assumindo verdades.

Ele rejeita a exigência cética de que alguém deva optar por uma das partes da contradição. Quando afirma: “– Não aceito, pois o teu pedido equivale a dizer: deixa o que sabes e afirma o que ignoras”<sup>107</sup>, ele não está aderindo à suspensão do juízo típica do ceticismo, mas demonstrando a incoerência dessa postura. Para ele, é irrazoável abandonar o que se sabe, no caso, a certeza lógica de que as proposições disjuntivas são verdadeiras (“o mundo é uno ou não é uno”), em favor do que é ignorado. Assim, Agostinho o utiliza contra si mesmo, mostrando que até o cético, ao duvidar, reconhece implicitamente certas verdades evidentes que garantem a possibilidade do conhecimento.

Todo o debate sobre a possibilidade de conhecer a verdade que o diálogo agostiniano vai percorrer, inicia com o espaço que a verdade tem na felicidade do ser humano. A primeira grande questão está: “podemos ser felizes sem encontrar a verdade? De acordo com Cícero, a felicidade estava na busca, não no encontro da verdade.”<sup>108</sup> Para o bispo de Hipona, a felicidade (*beatitas*) só pode estar em possuir o bem desejado.

Ao empregar essas proposições, Agostinho não apenas desafia as concepções dos acadêmicos sobre o conhecimento e a certeza, mas também propõe uma reflexão mais profunda sobre a natureza da verdade e do julgamento humano. Ele destaca a possibilidade de se ter conhecimento das proposições disjuntivas, mesmo quando sua verdade permanece em suspensão. “Estas proposições disjuntivas são verdadeiras e ninguém pode confundi-las com alguma semelhança com o falso”.<sup>109</sup> Agostinho defende que a dúvida não invalida o conhecimento potencial, mas sim sinaliza uma abordagem mais cautelosa e criteriosa em relação ao entendimento das questões filosóficas.<sup>110</sup>

Além disso, Agostinho desafia diretamente a noção de que tais questões não pertencem ao domínio da filosofia. Ele argumenta que aqueles que negam a possibilidade de conhecimento nessas áreas revelam sua própria falta de compreensão sobre elas. Sua defesa da capacidade humana de compreender e discernir mesmo nas áreas mais incertas da filosofia destaca sua confiança na razão e na capacidade inata do homem de buscar a verdade. Para isso, argumenta munido da dialética, compreendida contemporaneamente

---

<sup>107</sup> *c. Acad.* III, X, 23.

<sup>108</sup> Pereira Júnior; Costa, 2016, p. 40.

<sup>109</sup> *c. Acad.* III, X, 23.

<sup>110</sup> *c. Acad.*, III, XIII, 29.

como lógica, que o sábio tem informação e formação suficiente para não ficar perpetuando a ideia de que a verdade não pode ser alcançada.<sup>111</sup>

Outro argumento levantado por Agostinho como contraponto contra o ceticismo e à sua suspensão do assentimento é a própria dúvida, ou a possibilidade de estar enganado; por isso não dar assentimento seria, de certo modo, inconsistente. Como observa Pereira Júnior, Agostinho utiliza um axioma poderoso, “*Si fallor, sum*” (se me engano, existo), como elemento de conhecimento de uma verdade indubitável.<sup>112</sup> Este axioma, que antecede o famoso “*Cogito, ergo sum*” de Descartes, serve como uma fundação sólida contra o ceticismo radical. Ainda que os céticos antigos, como Sexto Empírico, não negassem a existência do sujeito que percebe, Agostinho argumenta que o próprio ato de duvidar implica a existência do sujeito que duvida. Em outras palavras, a capacidade de errar ou se enganar confirma a própria existência do ser pensante.

Esse argumento sobre a consciência da existência como base para a certeza que é possível conhecer aparece na sua obra *De libero arbitrio*. Antes de tratar da existência de Deus, dons bens e da liberdade com Evódio, Agostinho constrói o seu argumento da seguinte forma: “para que demos início a partir de [assertivas] absolutamente manifestas, quero antes saber de ti se tu mesmo existes”.<sup>113</sup> Para que seu interlocutor chegue à compreensão de que o conhecimento (*intellegisne*) de verdades seja algo alcançável.

Do mesmo modo, a vida, a existência, como fonte de conhecimento certo aparece em seu livro *De Trinitate*. Seu argumento é que a filosofia acadêmica exagerou ao afirmar “que o homem não pode alcançar a ciência das coisas”<sup>114</sup>, no que ele concorda com relação ao conhecimento pelos sentidos, mas existem outras formas de conhecimento da verdade, “por exemplo, o fato de sabermos que estamos vivos”.<sup>115</sup>

Ainda sobre a obra *De Trinitate*, texto de 416, ele amplia a sua reflexão sobre a consciência como fonte certo de conhecimento até quando em dúvida. Ele escreve:

Quem, porém, pode duvidar que a alma vive, recorda, entende, quer, pensa, sabe e julga? Pois, mesmo se duvida, vive; se duvida lembra-se do motivo de sua dúvida; se duvida, entende que duvida; se duvida, quer estar certo; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não deve consentir temerariamente. Ainda que duvide de outras coisas não deve duvidar

<sup>111</sup> *c. Acad.*, III, XIII, 29.

<sup>112</sup> Pereira Júnior, 2017, p. 19.

<sup>113</sup> *De libero arbitrio*. II, 3, 7.

<sup>114</sup> *c. Acad.*, II, V, 11.

<sup>115</sup> *De Trin.*, XV, 12, 21.

de sua dúvida. Visto que se não existisse, seria impossível duvidar de alguma coisa.<sup>116</sup>

Esta percepção surge para ele como refutação a posição cética de que nenhuma verdade pode ser conhecida, demonstrando que, pelo menos uma verdade — a própria existência do indivíduo que duvida — é absolutamente certa. Assim, Agostinho estabelece que o assentimento a esse pensamento não é apenas possível, mas necessário, começando com a verdade fundamental da própria existência. Essa abordagem fortalece sua defesa da fé e da razão como caminhos complementares para a obtenção do conhecimento, proporcionando sua base filosófica contra o ceticismo e afirmando a possibilidade de alcançar a verdade e, por conseguinte, a felicidade.

“Aos olhos dos agostinianos, a serenidade dos céticos não passa de frieza, de uma incompreensível ausência de ardor no desejo pela verdade.”<sup>117</sup> Esta visão crítica dos céticos complementa o argumento anterior sobre o não assentimento a nada. Para Agostinho, a postura cética, é marcada pela contradição de serem perseguidores da verdade, mas sem saber com o que ela se parece. Ele ironiza, “A própria evidência clama que de maneira que [...] devemos rir dos teus Acadêmicos que afirmam seguir na vida o que se assemelha à verdade, quando ignoram a própria verdade”<sup>118</sup>. Ele também escreve: “Os Acadêmicos julgavam, ou antes, opinavam que o homem pode ser sábio, mas que não é dado ao homem conhecimento”<sup>119</sup>, revelando uma contradição ao seu olhar. Enquanto os céticos se orgulham de sua serenidade e desapaixonamento diante da dúvida, Agostinho e seus seguidores veem essa atitude como uma falha. Ele escreve sobre eles, “ora me indignava, ora me afligia que homens tão doutos e sutis fossem levados a opiniões tão criminosas e depravadas”.<sup>120</sup> A verdade, para os agostinianos, é algo que deve ser perseguido com ardor e paixão, pois é através dela que se alcança a verdadeira felicidade e compreensão.<sup>121</sup> A visão cética, para o hiponense, preocupada em não dar assentimento ao erro, abre espaço para uma vida moral nociva para a sociedade<sup>122</sup>. Ao contrastar essa visão cética com o pensamento agostiniano, fica claro que, para Agostinho, a busca pelo conhecimento não é meramente uma atividade intelectual, mas uma missão existencial que exige dedicação e compromisso, pois reflete diretamente na

---

<sup>116</sup> *De Trin.*, X, 10, 14.

<sup>117</sup> Loque, 2019, p. 116.

<sup>118</sup> *c. Acad.*, II, VII, 19.

<sup>119</sup> *c. Acad.*, III, IV, 10.

<sup>120</sup> *c. Acad.*, III, XV, 34.

<sup>121</sup> *c. Acad.*, II, IX, 23.

<sup>122</sup> *c. Acad.*, III, XV, 35.

vida. Dar assentimento a um conhecimento que se mostra verdadeiro, como exemplificado no axioma “*Si fallor, sum*”, é não apenas possível, mas essencial para a realização humana. Dessa forma, a crítica à prática cética sublinha a importância de uma abordagem apaixonada e comprometida na busca pela verdade, uma abordagem que Agostinho defende como vital para alcançar o verdadeiro conhecimento e a felicidade duradoura.

A verdade em seu pensamento revela a própria existência de Deus, pois em sua análise o erro é pecado e nunca deve ser praticado<sup>123</sup>. No final de seu texto, depois de apresentar o que entende ser a história do pensamento cético como um movimento de esconder as doutrinas elevadas de Platão<sup>124</sup>, ele revela o que considera ser a filosofia verdadeira, escreve:

Mas foi necessário que passassem muitos séculos e discussões para que se elaborasse, segundo julgo, um só sistema de filosofia perfeitamente verdadeira. Esta filosofia não é desse mundo, que nossos mistérios com toda razão abominam, mas a de outro mundo inteligível, ao qual a sutileza da razão jamais teria levado as almas cegadas pelas multiformes trevas do erro e soterrada sob a enorme massa das impurezas corporais, se o sumo Deus, movido de misericórdia pelo seu povo, não tivesse inclinado e abaixado até o corpo humano a autoridade do Intelecto divino, de tal sorte que, excitadas não só pelos preceitos mas também pelas obras pudessem, mesmo sem as disputas, entrar em si mesmas e olhar para a pátria.<sup>125</sup>

Nesse sentido, a revelação divina, que é esse ato de autocomunicação misericordiosa de Deus, conduz o ser humano à sua verdadeira pátria, isso sem anular a razão, mas restaurando e elevando. O que para ele é importante contra os céticos, pois “os argumentos dos Acadêmicos me afastavam consideravelmente deste propósito”.<sup>126</sup>

Para Agostinho, o próprio ato de pensar que chega a verdades necessárias e eternas que não são frutos do próprio sujeito, mas são reconhecidas interiormente por seu pensamento, experiência facultada a todos os seres humanos revela que essas verdades vieram ou foram implantadas pela própria Verdade, Deus.<sup>127</sup> Logo, quando o ser humano pensa e comprehende ou encontra verdades absolutas em seu pensamento, deve remeter essa verdade encontrada a sua origem necessária, o próprio criador.<sup>128</sup>

---

<sup>123</sup> *c. Acad.*, III, XVI, 35.

<sup>124</sup> *c. Acad.*, III, XVII, 40s.

<sup>125</sup> *c. Acad.*, III, XIX, 42.

<sup>126</sup> *c. Acad.*, III, XX, 43.

<sup>127</sup> Copleston, 2021, p. 547.

<sup>128</sup> Copleston, 2021, p. 548.

Além disso, ele entende que “todos sabem que somos levados à aprendizagem pelo duplo impulso de autoridade e da razão. Tenho a certeza de absolutamente nunca separar-me da autoridade de Cristo, pois não encontro outra mais poderosa”.<sup>129</sup> A sua conversão o leva a um paradigma de conhecimento que repousa no reconhecimento por fé da autoridade que o conduzirá à verdade. A análise de sua epistemologia será explorada com mais detalhes no próximo capítulo.

### 3.3. A distinção entre conhecimento humano e conhecimento divino

Uma das críticas de Agostinho aos céticos repousa simplesmente no fato dos pensadores céticos negarem a possibilidade de encontrar a verdade<sup>130</sup>, mesmo que a alma humana, guiada pela razão chegue a verdades consideradas indubitáveis, como explorado no ponto anterior da dissertação com as proposições disjuntivas. Agostinho contrapõe essa postura valorizando a iluminação da verdade.<sup>131</sup> Para o bispo de Hipona, a busca pela verdade não é um esforço humano isolado e solitário, pois seria fracassado, mas o conhecimento da verdade se torna possível quando ocorre uma abertura do intelecto à iluminação proveniente de Deus. Sua crítica não é somente fruto de sua crença epistemológica, mas se expande dentro de sua compreensão antropológica, que revela tanto a natureza quanto os limites da natureza humana.

Importante destacar que para Agostinho, a iluminação é a ação do Verbo de Deus (o Filho) que dá forma e ordem às coisas criadas e torna possível que o ser humano conheça a verdade. Assim como Deus criou o mundo pela luz do Verbo, Ele também ilumina a mente humana com uma luz espiritual, diferente da luz física. “Deus Luz inteligível, em quem, por quem e mediante quem tem brilho inteligível tudo o que brilha com inteligência”.<sup>132</sup> Essa luz interior permite que a razão comprehenda o que é verdadeiro e que a vontade se volte para o bem. A iluminação, portanto, é tanto intelectual quanto moral: ela ajuda o ser humano a conhecer e a amar o que deve ser conhecido e amado, afastando-se dos prazeres passageiros e buscando a vontade de Deus.<sup>133</sup>

Ressaltamos também um trecho da *Epístola 120*, onde Agostinho escreve a Consêncio que a iluminação divina abrange aspectos na vida do ser humano, como: o

---

<sup>129</sup> *c. Acad.*, III, XX, 43.

<sup>130</sup> *c. Acad.*, III, X, 22.

<sup>131</sup> Aguirre, 2016, p. 47.

<sup>132</sup> *Sol.*, I, 1, 3.

<sup>133</sup> Ayoub, 2011, p. 40-41.

crer, o conhecer, o recordar, o imaginar, o sentir e todas as esferas do conhecimento.<sup>134</sup> Ele escreve:

Há uma luz pela qual discernimos todas essas realidades mencionadas, e por essa luz discernimos o que cremos sem conhecer, o que sabemos por já conhecermos; que forma corporal recordamos, que imagem produzimos, o que percebemos pelos sentidos corporais, que imagem a alma pode criar à semelhança dos corpos e o que é, tão certo e tão distinto de tudo o que é corpóreo, aquilo que é contemplado pela inteligência. Essa luz, pela qual discernimos todas essas coisas, não é como o brilho do nosso sol ou de qualquer outro corpo luminoso, luz que se difunde em todos os lugares, por espaços físicos, para iluminar nossa mente como um fulgor visível. Essa luz brilha de modo invisível, inefável, e, no entanto, inteligível; e é para nós tão certa quanto são certos os objetos que contemplamos por meio dela.<sup>135</sup>

Ao tratar da distinção entre conhecimento humano e conhecimento divino, Agostinho elabora sua doutrina da iluminação como elemento fundamental de sua compreensão epistêmica. Para pensar em conhecimento humano a partir de Agostinho é necessário entender que “a iluminação não possui qualquer participação no processo que leva ao conhecimento dito sensível”.<sup>136</sup> Dessa forma, Agostinho trabalha a sua percepção sobre o conhecimento no nível de ideias fundamentais e não empíricas. O conhecimento empírico pode ser adquirido e desenvolvido pelo ser humano, mas o conhecimento de conceitos está depositado na memória. Estes, por sua vez, não são a articulação final de um argumento, mas noções conceituais. A iluminação divina auxilia no processo de conhecimento dando ao intelecto uma noção. Quando fala da identificação de coisas boas, o hiponense escreve:

O que mais e mais posso citar? Bom é isto e bom é aquilo. Prescinde disto e daquilo e contempla o próprio Bem, se podes. Então verás a Deus, que é bom, não por algum outro bem, mas o Bem de todos os bens. Em relação a todos aqueles bens de que fiz menção, ou outros que possam ser vistos ou pensados, não diríamos que um seja melhor do que outro, ao fazer um julgamento certo, a não ser que estivesse impressa em nós a noção mesma do bem, segundo a qual aprovamos alguma coisa e a preferimos a outra.<sup>137</sup>

Costa coloca da seguinte forma:

No fenômeno da iluminação, quando esse tipo de conhecimento é alcançado pelo intelecto, Agostinho não entende que o processo nos traga a aquisição de um conceito qualquer: segundo ele, a iluminação revela-nos uma noção

<sup>134</sup> Nash, 2018, p. 530.

<sup>135</sup> *ep.*, 120, 10.

<sup>136</sup> Costa, 2020, p. 336.

<sup>137</sup> *Trin.*, XIII, 3, 4.

(*notio*). O conceito, no sentido lato, teria ainda algum tipo de relação com o objeto sensível. Já a noção desempenha no texto agostiniano o papel de regra, ou seja, seu uso é feito no sentido estrito de designar um conhecimento apodíctico. Ela é o princípio no qual se fundamentam nossos juízos verdadeiros, a partir de sua relação com a própria verdade.<sup>138</sup>

Na tradição agostiniana, o conhecimento empírico e o conhecimento intelectivo foram distinguidos entre *scientia* e *sapientia*. A *scientia*, é um saber que é construído sistematicamente por meio da percepção da realidade via sentidos, ou seja, através da análise dos bens temporais e materiais. Um conhecimento que é útil e necessário, mas limitado ao âmbito prático da vida. Já *sapientia*, é a “contemplação dos bens eternos, do conhecimento inacessível, obtida pelo olhar da mente, através da ação divina”.<sup>139</sup> Enquanto a primeira está voltada para a forma com que o ser humano trata as coisas na realidade criada, a segunda está voltada para seu relacionamento com o Criador e ao fundamento da realidade.

Por isso, para o bispo de Hipona, é possível a afirmação de que todo conhecimento que o homem possui está em sua memória. O que não significa que esse conteúdo da memória é fruto de aquisições de conhecimento do mundo sensível, ou mundo criado, por meio de processo empírico. Existem na alma noções que são fundamentais, frutos da natureza de sua criação pelo divino. Elementos puramente abstratos, como: beleza, justiça, caridade, para citar alguns. Quando o intelecto se encontra iluminado, ele é capaz de realizar o processo de interiorização para encontrar na memória essas noções impressas, conquistando a certeza de sua inteligibilidade.<sup>140</sup> Esse reencontro, possibilitado pela iluminação divina, garante a certeza e a inteligibilidade dos juízos, fazendo com que a verdade seja possível de ser encontrada, deixando de lado opiniões instáveis e mutáveis para firmar-se na verdade.

Nesse processo de conhecimento agostiniano, um movimento de voltar para sua interioridade é de extrema importância. Ele escreve: “O conhecimento de si é, portanto, um momento essencial da subida para o conhecimento de Deus.”<sup>141</sup> Agostinho comprehende que a alma é um lugar privilegiado onde a verdade pode ser encontrada, não nas coisas mutáveis e temporais percebidas pelos sentidos. Na verdade, esse voltar para si não é o fim do processo, mas um passo na aproximação do conhecimento verdadeiro

---

<sup>138</sup> Costa, 2020, p. 366.

<sup>139</sup> Pereira, 2020, p. 61.

<sup>140</sup> Costa, 2020, p. 367.

<sup>141</sup> Crouse, 2018, p. 264.

que está em Deus, mas que só pode ser percebido pela alma. Essa compreensão pode ser encontrada em suas *Confissões*, em que ele escreve:

Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema - de Vós, ó Deus - e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entradas e se levanta com intumescência.<sup>142</sup>

A busca da verdade, portanto, é um processo de libertação do exterior sensível que caminha para uma busca contemplativa da verdade que é encontrada quando iluminada pela graça de Deus. Em um trecho de suas *Confissões*, ele registra as seguintes palavras: “Confessarei, pois, o que sei de mim, e confessarei também o que de mim ignoro, pois o que sei de mim, só sei porque Vós me iluminais; e o que ignoro, ignorá-lo-ei somente enquanto as minhas trevas não se transformarem em meio-dia, na vossa presença.”<sup>143</sup>

Ainda que a teoria do conhecimento de Agostinho tenha muitas semelhanças com a doutrina platônica, e é inegável a influência platônica em seu pensamento, o hiponense não pode ser considerando um representante dessa escola filosófica. Como destacou Crouse: “em muitos momentos, Agostinho esclarece, corrige e ultrapassa de maneira significativa diversas doutrinas platônicas”.<sup>144</sup> Isso fica ainda mais claro na rejeição da doutrina da reminiscência da alma. Em *Retratações*, ele escreve:

Da mesma forma, eu disse numa passagem que “os instruídos nas disciplinas liberais as extraem pela aprendizagem, estando, sem dúvida, sepultadas pelo esquecimento e, de certo modo, as desencavam”. Mas rejeito também isso, pois é mais acreditável que mesmo os não instruídos nelas respondem coisas verdadeiras sobre algumas disciplinas, quando lhes fazem perguntas cabíveis, pelo fato de que lhes assiste a luz da razão eterna, na medida em que a podem captar, onde contemplam essas verdades imutáveis; não porque as conheciam antes e se esqueceram, conforme a opinião de Platão ou de seus seguidores. Contrariando essa opinião, sempre que surgiu uma oportunidade, discorri no duodécimo livro sobre a Trindade.<sup>145</sup>

Ao contrário da ideia platônica de reminiscência, Agostinho entende que o conhecimento verdadeiro provém da iluminação divina. A luz não é imanente na alma como a ideias na percepção platônica, mas sim uma manifestação graciosa do divino para aquele que procura interiormente com fé. Ele deixa claro em seus escritos que a iluminação divina não é experiência de vida anterior, que deixou marcados na memória

<sup>142</sup> *Conf.*, VII, 16.

<sup>143</sup> *Conf.*, X, 5.

<sup>144</sup> Crouse, 2018, p. 264.

<sup>145</sup> *Retr.*, I, 4, 4.

os princípios do conhecimento.<sup>146</sup> A alma racional é a parte capacitada em sua criação para, mediada pela luz divina, enxergar a verdade.

A crítica agostiniana à doutrina platônica da reminiscência se fortalece ainda mais quando ele reflete sobre a natureza da alma e a origem das ideias. Em sua obra *A Trindade*, Agostinho observa:

Ora, se fossem apenas recordações de conhecimentos anteriores, nem todos, nem mesmo uma maioria que fosse, poderia se lembrar ao serem interrogados sobre esse determinado assunto. Pois nem todos devem ter sido geômetras na vida anterior, visto que esses são tão poucos entre os homens que dificilmente se encontra alguém. Assim, é preferível acreditar que a natureza da alma intelectiva foi criada de tal modo que, aplicada ao inteligível segundo sua natureza, e tendo assim disposto o Criador, possa ver esses conhecimentos em certa luz incorpórea de sua própria natureza. Assim acontece com o olho do corpo que vê os objetos que o cercam na luz natural, pois pode-se acomodar a essa luz, já que para ela foi feito.<sup>147</sup>

Nesse paralelo entre o olhar do corpo e o olhar da alma, Agostinho sugere que o intelecto, assim como os olhos físicos, precisa de uma luz adequada para perceber sua realidade própria. A alma humana, criada à imagem de Deus, foi feita para ver à luz da razão eterna, que é a fonte de toda verdade. Portanto, a iluminação não implica recordar algo esquecido, mas participar de uma luz que transcende a alma e a orienta ao conhecimento do eterno.

Ainda no *De Trinitate*, elabora com mais detalhes sua compreensão sobre o conhecimento de si e o conhecimento de Deus.<sup>148</sup> Para o bispo de Hipona, o processo de conhecimento não pode ser alcançado por meio da razão desordenada ou dos sentidos, muito menos por um movimento de introspeção meramente subjetivo da alma. Na abertura da obra supracitada, ele faz três críticas à forma de conhecer a Deus: a primeira, para aqueles que reduzem Deus a uma realidade corpórea; os que o pensam como uma alma humana; e, por fim, os que não seguem nenhuma das formas anteriores, mas tentam emitir saberes sobre a fé.<sup>149</sup>

Sua proposta de conhecimento inicia-se com uma purificação do intelecto. Ele escreve: “Faz-se mister, por isso, purificar nossa mente para podermos contemplar inefavelmente o inefável. Ao não conseguirmos ainda essa purificação, alimentamo-nos

---

<sup>146</sup> Crouse, 2018, p. 265.

<sup>147</sup> *Trin.*, XII, 24.

<sup>148</sup> Crouse, 2018, p. 265.

<sup>149</sup> *Trin.*, I, 1.

da fé, somos conduzidos por caminhos mais praticáveis”.<sup>150</sup> Vemos se delineando sua forma epistêmica, que pode ser sintetizada entre uma relação entre fé e razão, que será explorada no próximo capítulo.

Essa distinção agostiniana entre o conhecimento sensível e conhecimento inteligível, assim como sua crítica ao ceticismo, está enraizado em seu pensamento filosófico-teológico em que a verdade pode ser conhecida e não só procurada, desde que a graça de Deus seja o guia desse conhecimento. “Deus é para a alma o que o sol é para o olho”.<sup>151</sup> De sua recusa ao ceticismo radical e ao racionalismo fechado em si mesmo, surge o caminho de um intelecto iluminado: a alma, auxiliada por Deus, é capaz de conhecer a verdade eterna à medida que participa da luz da razão divina. Em *Solilóquios*, ele faz a seguinte oração: “Eu te invoco, [...] Deus Luz inteligível, em quem, por quem e mediante quem tem brilho inteligível tudo o que brilha com a inteligência”.<sup>152</sup>

Portanto, a busca pela verdade é mais do que um exercício intelectual, mas se torna um itinerário espiritual. A iluminação do Criador permite à alma escapar das limitações do conhecimento sensível e das armadilhas da dúvida, conduzindo o intelecto do iluminado a uma certeza que não tem como fundamento elementos transitórios, mas a presença da Verdade.

---

<sup>150</sup> *Trin.*, I, 3.

<sup>151</sup> Nash, 2018, p. 529.

<sup>152</sup> *Sol.*, I, 1, 3.

## 4 A SÍNTSESE ENTRE FÉ E RAZÃO COMO RESPOSTA AO CETICISMO

O último capítulo dessa dissertação busca examinar a proposta de uma reflexão que de fato pode chegar ao conhecimento da verdade. Para isso, o bispo de Hipona apresenta uma articulação entre a fé e a razão como fundamentos epistemológicos. Sua crítica ao pensamento cético não ficou restrita à negação da possibilidade de conhecimento verdadeiro, o que para Agostinho seria negar o conhecimento de Deus, mas também sobre a recusa de um auxílio que venha de forma transcendente. Pois, em seu pensamento, a fé não é um simples ato religioso, mas faz parte de uma base fundamental para o conhecimento.

Como observou Calabrase, “Santo Agostinho consegue remover os obstáculos psicológicos que o ceticismo lhe havia produzido”; ele continua: “esta remoção constitui o verdadeiro início do programa filosófico do Hiponense, que consiste em assumir a sabedoria confiante na autoridade de Cristo e em utilizar os instrumentos racionais do neoplatonismo, que levam ao ato de fé”.<sup>153</sup> A proposta agostiniana está na sua confiança no auxílio divino que não exclui a razão, mas a purifica e orienta.

Pensando nesses pontos, o presente capítulo abordará os seguintes eixos de reflexão: a concepção agostiniana de razão e verdade; a fé como fundamento epistemológico; a complementariedade entre fé e razão no pensamento agostiniano; e as implicações dessa síntese para a filosofia e teologia cristã. O objetivo é demonstrar que a resposta de Agostinho ao ceticismo não está limitada ao seu desencontro com o grupo filosófico que ele participou um tempo, mesmo que em segredo, mas faz parte de um paradigma de conhecimento que marca sua reflexão filosófica e teológica por toda a sua vida.

### 4.1. A concepção agostiniana de razão e verdade

A obra e o pensamento de Agostinho ecoam profundamente a relação entre sabedoria e felicidade, onde a busca e encontro da primeira é inseparável da realização da segunda. Desde sua juventude, Agostinho foi impulsionado por um ímpeto incomum, um desejo fervoroso por sabedoria que ansiava pela promessa de uma existência plena e feliz.

---

<sup>153</sup> Calabrese, 2020.

Essa busca ardente, iniciada aos dezenove anos com a leitura do *Hortênsio*, persistiu ao longo de sua vida, amadurecendo e se refinando com o tempo.<sup>154</sup>

Aos trinta anos, Agostinho ainda mantinha intacta essa caracterização de ímpeto juvenil, indicando a continuidade de sua busca inabalável pela sabedoria genuína e pela felicidade autêntica. No entanto, ele reconheceu que tal desejo não seria saciado pelas correntes filosóficas prevalentes de seu tempo, como o maniqueísmo, o ceticismo ou o platonismo.<sup>155</sup> Para Agostinho, a verdadeira sabedoria e a felicidade duradoura residiam em outro lugar, além dos limites da razão humana e das especulações filosóficas, mesmo que estas fossem importantes no processo de alcance da satisfação plena.

Antes de prosseguir, é fundamental esclarecer o que Agostinho entende por fé e razão, pois ambos os conceitos estruturam sua reflexão epistemológica. Para ele, “[a fé] encontra suas razões no conteúdo principal da crença, pois diz respeito a Deus, que transcende o conhecimento humano, e à “economia temporal”, centrada na encarnação, que se encontra na liberdade de Deus”<sup>156</sup>, aliando assim, a importância da revelação. Relação importante para o autor. Ele escreve:

Mas foi necessário que passassem muitos séculos e discussões para que se elaborasse, segundo julgo, um só sistema de filosofia perfeitamente verdadeira. Esta filosofia não é a deste mundo, que nossos mistérios com toda razão abominam, mas de outro mundo inteligível, ao qual a sutiléza da razão jamais teria levado as almas cegas pelas multiformes trevas do erro e soterradas sob a enorme massa das impurezas corporais, se o sumo Deus, movido de misericórdia pelo seu povo, não tivesse inclinado e abaixado até o corpo humano a autoridade do Intelecto divino, de tal sorte que, excitadas não só pelos preceitos mas também pelas obras pudessem, mesmo sem as disputas, entrar em si mesmas e olhar para a pátria.<sup>157</sup>

Quanto à razão (*ratio*), Agostinho a entende não apenas como uma faculdade da alma, mas como o movimento do pensamento em busca da verdade. Ela pode ser superior, quando se volta às realidades espirituais e inteligíveis, ou inferior, quando se ocupa do conhecimento sensível e científico. Além disso, *ratio* pode significar o ponto mais elevado da alma, a atividade que conecta e distingue conhecimentos, ou, no plural (*rationes*), as próprias ideias divinas. Seu fruto é a compreensão (*intellegentia*), que, para

---

<sup>154</sup> *De beata vita*, I, 4.

<sup>155</sup> Loque, 2019, p. 114.

<sup>156</sup> Teselle. 2018, p. 438.

<sup>157</sup> *c. Acad.* 3, *XIX*, 42.

Agostinho, é alcançada quando a razão é iluminada pela fé e orientada para o conhecimento de Deus.<sup>158</sup>

A possibilidade de conhecimento da verdade é uma manifestação amorosa e dadivosa de Deus. Pois tanto se revelada, como capacita com fé para a compreensão da verdade mediada por sua revelação. Aqui, a fé não é vista como um obstáculo à razão, mas como sua aliada e complemento, guiando o intelecto humano para além de seus próprios limites, em direção à fonte de toda sabedoria e felicidade.

Para Agostinho, a fé não é apenas uma crença passiva, mas um compromisso ativo e transformador, que informa e ilumina todo o processo de busca pelo conhecimento. É através da fé que a mente humana encontra a capacidade de transcender suas próprias limitações e se abrir para a verdadeira compreensão das realidades mais profundas e significativas da existência.

“O primeiro passo na via que conduz o pensamento em direção a Deus é a aceitação da revelação pela fé.”<sup>159</sup> Esta afirmação de Gilson sobre o pensamento de Agostinho, sublinha a centralidade da fé como ponto de partida na busca pelo conhecimento divino e pela verdade última. Para o Bispo de Hipona, a razão, embora valiosa e necessária, encontra suas limitações quando se trata de compreender plenamente as verdades transcendentais. A revelação divina, portanto, é essencial, pois oferece uma base firme e segura que a razão sozinha não pode proporcionar. A fé na revelação de Deus não é vista como uma renúncia à razão, mas como um complemento indispensável que ilumina e orienta o entendimento humano. Este primeiro passo de aceitação pela fé é crucial, pois abre o caminho para um relacionamento mais profundo e significativo com o divino, permitindo que a razão opere de maneira mais plena e eficaz. Assim, Agostinho defende que a verdadeira sabedoria e felicidade são alcançadas quando se reconhece a necessidade de integrar fé e razão, começando pela aceitação humilde da revelação como fundamento para toda investigação filosófica e teológica.

Assim, na epistemologia agostiniana, a importância da fé não pode ser subestimada. Ela é o fundamento sobre o qual toda a estrutura do conhecimento e da sabedoria é desenvolvida, e é o caminho que conduz à verdadeira felicidade, aquela que reside na plenitude do conhecimento de Deus. Em última análise, para Agostinho, a sabedoria e a felicidade estão intrinsecamente ligadas à fé, formando um tríplice cordão que une o intelecto, a alma e o coração na busca pela realização mais completam da humanidade.

---

<sup>158</sup> Cunha, 2012, p. 417s.

<sup>159</sup> Gilson, 2010, p. 61.

Como um grande representante da filosofia e teologia cristã, o Bispo de Hipona apresenta-se como um pensador que busca pela reconciliação entre razão e fé. Em sua jornada intelectual marcada por um profundo mergulho na dúvida acadêmica, esta não é entendida como um obstáculo, mas como o meio que conduz o indivíduo à autodescoberta e à apreensão das verdades eternas que habitam em cada alma. Nesse contexto, Agostinho não enxerga a dúvida como uma negação do conhecimento, mas como um convite à transcendência, uma oportunidade de transcender as próprias limitações e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. A jornada implica em mover-se do reino da razão para o transcendental, a fé é esse salto de superação dos limites racionais.<sup>160</sup>

É nesse caminho de questionamentos e reflexões que Agostinho nos convida a trilhar, reconhecendo que a Verdade transcendente não pode ser limitada ou impedida por uma racionalidade autônoma. Ela só se revela plenamente quando nos lançamos além dos limites do racional, quando damos o salto de fé que nos leva ao encontro do divino. Esse salto não é um abandono da razão, mas sim uma ampliação de sua capacidade de compreensão, uma expansão de horizontes que nos permite vislumbrar aquilo que está para além das fronteiras do conhecimento humano. Como observou Gilson, “quando Agostinho fala de inteligência, sempre pensa no resultado de uma atividade racional à qual a fé abre acesso, ou seja, na unidade indivisível que é a “a inteligência da fé”.”<sup>161</sup>

Contrariando a crença dos acadêmicos e pirrônicos, assim como de muitos filósofos antigos, Agostinho não vê o ser humano como capaz, por si só e sem mediação, de alcançar a verdadeira felicidade. Para ele, a vida feliz está intrinsecamente ligada à verdadeira religião, à busca e ao encontro com o divino.<sup>162</sup> É somente através da fé que o ser humano pode alcançar a plenitude de sua existência e encontrar o sentido último de sua jornada.

A doutrina agostiniana da reconciliação entre razão e fé se desdobra em três momentos interligados e complementares. Como observa Gilson, “Em sua forma acabada, a doutrina agostiniana das revelações entre razão e a fé comporta três momentos: preparação à fé pela razão, ato de fé, compreensão do conteúdo da fé”.<sup>163</sup> Primeiramente, há a preparação à fé pela razão, um processo no qual a inteligência humana é despertada e orientada para a busca da verdade. Em seguida, ocorre o ato de fé, o momento em que

---

<sup>160</sup> Pereira Júnior, 2017, p. 13.

<sup>161</sup> Gilson, 2010, p. 81.

<sup>162</sup> Loque, 2019, p. 115.

<sup>163</sup> Gilson, 2010, p. 64.

o indivíduo, impulsionado pela razão iluminada, decide dar o salto em direção ao transcendental, abraçando a verdade revelada. Por fim, vem a compreensão do conteúdo da fé, uma etapa em que a razão e a fé se entrelaçam numa dança harmoniosa, permitindo ao crente penetrar mais profundamente nos mistérios divinos e na compreensão do plano salvífico. Escrevendo à Consencio, ele diz: “é razoável que a fé preceda a certa grande razão que ainda não pode ser compreendida, sem dúvida alguma antecede à fé aquela outra razão, seja qual for, que nos persuade de que a fé deve preceder à razão.”<sup>164</sup>

Nesse sentido, a apologética de Agostinho não é apenas um exercício intelectual, mas sim uma jornada espiritual que convida o ser humano a transcender suas limitações e encontrar a plenitude de sua existência em Deus. É através da reconciliação entre razão e fé que Agostinho nos aponta o caminho para a verdadeira sabedoria e felicidade, convidando-nos a mergulhar nas profundezas do divino e a descobrir, em seu seio, toda a nossa humanidade. Pois para ele, “a plenitude da sabedoria consiste em penetrar os conteúdos da fé, e neste processo a razão prepara o homem para acolher a esta última”.<sup>165</sup>

Essa jornada espiritual é também dependente da ação graciosa de Deus, que acolhida com fé e auxiliada pela razão conduzirá o fiel a verdadeira felicidade, que é o conhecimento da verdade. Agostinho coloca da seguinte forma:

Eis porque a restauração (medicina) que em sua bondade inefável a divina Providência propõe à alma é também mui bela em seus graus e ordem. Deus emprega dois meios: a autoridade e a razão. A autoridade exige a fé e prepara o homem para a reflexão. A razão conduz à compreensão e ao conhecimento. A autoridade, porém, jamais caminha totalmente desprovida da razão, ao considerar Aquele em quem se deve crer. Certamente, a suma autoridade será a verdade conhecida como evidência.<sup>166</sup>

Outro elemento importante do pensamento de Agostinho sobre a temática está no fato de fé e razão constituírem uma unidade orgânica.<sup>167</sup> A teologia revelada e a natural não estão em polos opostos ou dicotomizados em sua análise. O conhecimento de Deus se dá por meio da revelação especial, texto sagrado, assim como, pela contemplação da natureza. Isso, usando a razão e a fé nesse exercício que conhecer a Deus que se revela e é Criador.

Como observou Cunha, “relação entre a fé e a razão é definidora da *Weltanschauung* de Santo Agostinho: ela é, por assim dizer, o núcleo de onde provém e a

---

<sup>164</sup> *Epist.* 120, 3.

<sup>165</sup> Copleston, 2021, p. 530.

<sup>166</sup> *vera rel.*, 24, 45.

<sup>167</sup> Copleston, 2021, p. 550.

partir de onde se ramifica seu pensamento”.<sup>168</sup> Pois essa relação impacta sua maneira de ver a ética, o conhecimento de Deus, na formação cognitiva do indivíduo. Para o hiponense, o alinhamento desse binômio é uma realidade na vida humana até nas coisas mais simples, como acreditar na existência de uma cidade a partir do testemunho de terceiros.<sup>169</sup>

#### 4.2. A fé como fundamento epistemológico

Como tem sido observado ao longo desta dissertação, ao tratar da relação entre fé e conhecimento, Agostinho estabelece uma inversão epistemológica decisiva em relação a certos paradigmas do pensamento antigo: antes de compreender, é preciso crer. Tal afirmação, no entanto, não é uma negação do uso da razão, mas o reconhecimento de seus limites quando isolada da luz que provém da fé. Nesse sentido, Agostinho propõe que o primeiro passo para o conhecimento verdadeiro de Deus não é a demonstração racional de sua existência, mas crer por meio da fé. Como ele mesmo afirma, o primeiro conselho para aquele que deseja provar a existência divina é precisamente crer. Apenas a partir desse ato inicial, que inaugura um novo horizonte existencial e cognitivo, é possível avançar para a demonstração de que o homem não está condenado ao ceticismo.<sup>170</sup>

Antes de seguirmos com a análise, é necessário explicitar o que Agostinho entende por fé, uma vez que essa noção é fundamental para a compreensão do que esse texto propõe. Para o bispo de Hipona, “o próprio ato de fé não é outra coisa senão pensar com o assentimento da vontade. Pois nem todo aquele que pensa crê, já que muitos pensam e, no entanto, não creem. Mas todo aquele que crê, pensa: pensa crendo e crê pensando”<sup>171</sup>. Esse vínculo intrínseco entre fé e pensamento mostra que, para Agostinho, a fé não se reduz a um ato irracional ou meramente emotivo, mas envolve uma dimensão intelectual. Nesse mesmo sentido, Eugene TeSelle sintetiza: “A fé é definida como pensar com assentimento”<sup>172</sup>, destacando o caráter ativo e reflexivo do ato de crer.

A razão é muito importante para Agostinho enquanto faculdade nobre e distinta da alma humana. Contudo, ela é insuficiente para alcançar, por si mesma, as verdades últimas que saciam o anseio do espírito humano. A verdade plena, aquela que transcende a realidade, como o conhecimento de Deus, só pode ser alcançada quando a razão é

---

<sup>168</sup> Cunha, 2012, p. 416.

<sup>169</sup> *civ. Dei*, XI, 3.

<sup>170</sup> Gilson, 2010, p. 83.

<sup>171</sup> *praed. sanct. 5.*

<sup>172</sup> TeSelle, 2018, p. 438.

elevada pela fé.<sup>173</sup> Como salienta Silva, “o que o faz descartar a ideia de um funcionamento autônomo da razão é a constatação da necessidade de uma inundação por parte da alma das verdades ligadas à fé”.<sup>174</sup> Essa exigência surge a partir de uma experiência existencial e cognitiva concreta, que é a percepção humana de que o uso da razão não basta para responder aos anseios mais profundos da alma.

Em sua própria trajetória, o próprio Agostinho é um exemplo nesse sentido. O desejo por conhecimento que o acompanhou ao longo de sua juventude, marcado por tentativas de alcançar a verdade por meio da reflexão filosófica e racional, apenas encontrou fundamento quando a fé iluminou sua razão.<sup>175</sup> A verdade eterna, em sua concepção, não é acessível sem a disposição humilde de crer. Crer não é um obstáculo ao saber, mas é o que possibilita o conhecimento de verdades absolutas. Ela antecede o conhecimento e o prepara. Como o próprio Agostinho afirma, “a fé deve preceder o conhecimento, e que é indispensável para uma penetração mais íntima dos mistérios e realidades espirituais, é a fé do já crente, é a fé que opera pela caridade e purifica o coração”.<sup>176</sup> Tal purificação é fundamental para ele, pois o orgulho da razão abrir espaço para a humildade da alma que se submete à autoridade da verdade revelada.

Como observou Adelmo José da Silva, a fé em Agostinho não pode ser compreendida como o ponto final de uma trajetória de buscas, mas como “ponto de partida para novas buscas rumo às novas especulações, não mais apenas racionais, porém orientadas por esta fé”.<sup>177</sup> Para o bispo de Hipona, ele pode ter sido um fim no sentido de base epistemológica, mas a partir disso uma abertura para suas próximas investigações teológicas e filosóficas. Como escreveu o hiponense:

Com efeito, quando se comprehende ou, se isso não for possível, quando se crê pelo menos que o homem foi feito à imagem de Deus, certamente se entende que está mais próximo de Deus, que lhe é superior, por aquela parte de si com que transcendem suas partes inferiores, que tem em comum também com os animais. No entanto, porque é a própria mente, à qual naturalmente inerem a razão e a inteligência, acha-se, em função de alguns vícios tenebrosos e inveterados, incapaz não só de unir-se à luz imutável, mas também suportá-la, primeiramente foi preciso que fosse instruída e purificada pela fé, até que, depois de renovada dia a dia e devidamente curada, se tornasse capaz de tamanha felicidade. Para mais confiante prosseguir por ela na direção da verdade, a própria verdade, o Deus filho de Deus, assumindo o homem, sem

---

<sup>173</sup> Batista, 2021, p. 94.

<sup>174</sup> Silva, 2003, p. 339.

<sup>175</sup> *Conf.*, I, 1.

<sup>176</sup> Mariones, 2022, p. 59.

<sup>177</sup> da Silva, 2003, p. 339.

consumir a divindade, fundou e instituiu a fé, para que o homem tivesse um caminho para o Deus do homem pelo homem-Deus.<sup>178</sup>

Nesse processo, a fé funciona como um princípio formativo, “a fé é uma preparação para o entendimento daquilo em que se acredita. Ela purifica a mente [...] é já remédio contra o orgulho e dispõe a vontade a não perturbar a inteligência na procura da verdade”.<sup>179</sup> Esse movimento de humildade é o reconhecimento da autoridade divina, que não é uma forma de alienação, mas uma condição para a mente se abra e conheça a verdade. Concentrada em Deus, a razão humana é libertada das distrações sensoriais e imaginativas, voltando-se para aquilo que é eterno. E, sobretudo, ao receber pela fé as normas de um viver justo, o ser humano vai se dispor, pela própria prática do bem, ao conhecimento mais profundo da verdade.

Por mais que a razão tenha sua importância, ela tem limites na visão do bispo de Hipona. Um desses limites está nos seus “vícios tenebrosos e inveterados”<sup>180</sup>, que a impede de compreender verdades transcendentais como Deus. Adelmo José da Silva entende como um limite religioso da razão.<sup>181</sup> Portanto, uma experiência religiosa baseando no uso exclusivo da razão seria inconcebível na visão agostiniana. Essa dinâmica, no entanto, não anula a importância da razão no processo do conhecimento religioso. Agostinho reconhece seus limites, mas não a desqualifica. Pelo contrário, a razão tem um papel preparatório, pois é por meio dela que se formula a pergunta, se procura o sentido e se discerne, com vigilância, o que é digno de fé. Um exemplo está na própria busca filosófica de Agostinho antes da sua conversão, na qual a razão, ainda que vigorosa, não conseguia responder sua necessidade conhecer a verdade plena. Tal esforço solitário da razão, embora útil e necessário, mostrou-se insuficiente diante da profundidade da existência e da grandeza de Deus.

Nesse horizonte, a fé não surge como suspensão do pensamento, mas como sua culminância. “Com efeito, a fé é uma exigência indeclinável para alcançar a inteligência”<sup>182</sup>, como destaca Agostinho. A fé fornece o elemento iluminador, que permite à razão ultrapassar suas próprias fronteiras. Não se trata de crer contra a razão, mas de crer para que a razão veja mais longe. A fé desvela, portanto, e ao fazê-lo, amplia a capacidade da inteligência para o reconhecimento do verdadeiro. É nesse sentido que

<sup>178</sup> *civ. Dei.*, XI, 2.

<sup>179</sup> Boyer, 1999, p. 251

<sup>180</sup> *civ. Dei.*, XI, 2.

<sup>181</sup> da Silva, 2003, p. 241.

<sup>182</sup> Chacon, 2015, p. 248.

Agostinho afirma: “Quem não vê que primeiro é pensar e depois crer? Ninguém acredita em algo, se antes não pensa no que há de crer [...] Pois, nem todo o que pensa, crê, havendo muitos que pensam, mas não creem, mas todo aquele que crê pensa, e pensando crê e crê pensando”.<sup>183</sup>

Embora Agostinho tenha apresentado a razão com limitações, ele não deixa de apontá-la também “como sendo o maior bem que o homem é possuidor”.<sup>184</sup> Uma das caracterizações da *Imago Dei* está justamente na capacidade intelectual do ser humano, o que o distingue dos demais seres criados. A razão, quando purificada e iluminada, é capaz de compreender os mistérios de Deus e de seus planos. A partir desse estado purificado, ela também pode tomar decisões para vida prática do sujeito de acordo com a verdadeira felicidade.

Essa integração entre razão e fé rompe com a dicotomia entre pensamento e crença. Para Agostinho, o ato de crer é inseparável do exercício do pensamento, mas iluminado pela graça. A fé não apenas acolhe o conteúdo revelado, mas também o conduz o ser humano à inteligência. Como ele mesmo afirma, “a função da fé, além de crer, é fazer chegar à inteligência [...] aquelas verdades com as quais ela deparou-se”.<sup>185</sup> Crer não é apenas aceitar, mas deixar-se conduzir a um saber mais alto, no qual a verdade revelada se torna, gradualmente, inteligível. É o percurso em que a fé ilumina e a razão responde, num movimento contínuo de busca, assentimento e contemplação. Como escreveu o bispo de Hipona:

Portanto, caríssimos, aquele a quem me opus, dando origem a uma controvérsia que me levou a pedir um profeta como juiz, não profere palavras vazias de significado quando diz: ‘É preciso compreender para crer’. Pois, certamente, o que agora mesmo estou dizendo, digo-o para que creiam os que ainda não creem. E, no entanto, se não entendem o que digo, não podem crer. Portanto, de certo modo é verdade o que ele diz: ‘É preciso compreender para crer’; mas também é verdade o que eu digo com o profeta: ‘Antes, crê para compreender’. Ambos dizemos a verdade: ponhamo-nos de acordo. Em consequência, compreende para crer, crê para compreender. Em poucas palavras vos direi como devemos entender uma e outra afirmação sem qualquer problema: compreende a minha palavra para crer; crê na palavra de Deus para compreendê-la.<sup>186</sup>

Todo esse movimento epistemológico agostiniano, de uma elevação do inteligível para o ininteligível, do sensível para o transcendente, não pode ser compreendido como mais

---

<sup>183</sup> *Praed. sanct.*, II, 5.

<sup>184</sup> da Silva, 2003, p. 342.

<sup>185</sup> da Silva, 2003, p. 341.

<sup>186</sup> s. 43, 7, 9.

um ponto de influência do neoplatonismo. Isso porque a matéria não é vista, nesse processo, como algo ruim; ao contrário, ela é considerada “instrumento de salvação”.<sup>187</sup> Como Agostinho escreveu: “o nosso próprio Senhor, não apenas por ditos, mas também por feitos, primeiro exortou aqueles que chamou à salvação a crer”.<sup>188</sup> Portanto, a razão que foi elevada pela fé para o conhecimento do transcendente via revelação, beneficia também o corpo, uma vez que este participa da redenção.

Um exemplo disso encontra-se na ética agostiniana, fundamentada no conhecimento de Deus, que só é possível com uma razão que foi elevada pela fé. “O Sumo Bem como realização da finalidade última do bem viver agostiniano é, ao mesmo tempo, fim último do processo intelectivo, pois de Deus provém toda a sabedoria”.<sup>189</sup> Nesse sentido, o pensamento que gera o comportamento não é um caminho de fuga do mundo sensível, mas o reconhecimento de que toda sabedoria e todo bem procede de Deus e deve ser vivido no tempo.

Em síntese, a reflexão de que a fé funciona como fundamento epistemológico no pensamento agostiniano revela um movimento de integração entre crença e razão, o que será abordado com mais detalhes na seção seguinte. Embora a fé seja um fundamento em sua reflexão, ela está longe de reduzir o conhecimento a um mero ato subjetivo ou irracional. A fé assume um papel estruturante no processo do saber, possibilitando à razão alcançar verdades que seriam inacessíveis em um movimento solitário. Assim, em Agostinho, fé e razão não se opõem, mas cooperam para o conhecimento de Deus, sobretudo o Sumo Bem e fonte de toda sabedoria.

#### **4.3. A complementariedade entre fé e razão em Agostinho**

A relação entre fé e razão no pensamento agostiniano é um tema capital para todo aquele que pretende conhecer sua filosofia e teologia. Como observou Freitas, “a insistência que estas duas expressões [fé e razão] ocorrem [...] demonstra bem que se trata de um tema maior”. Ele continua: “a relação entre fé e razão constitui o núcleo essencial do método agostiniano na busca incansável da felicidade ou da sabedoria”.<sup>190</sup> De fato, em Agostinho não há antagonismo, mas complementariedade, de modo que fé e razão se sustentam mutuamente no caminho em direção à verdade. É justamente essa interação,

---

<sup>187</sup> Mattos, 2018, p. 18.

<sup>188</sup> *lib. arb.*, II, 2, 6.

<sup>189</sup> Mattos, 2018, p. 21.

<sup>190</sup> Freitas, 1999, p. 249.

que não elimina tensões, mas abre possibilidades de integração, que será analisada ao logo desta seção.

Como tem sido observado ao longo desta dissertação, Agostinho comprehende a fé como a base indispensável de todo conhecimento. A confiança em autoridades, mestres e tradições é uma realidade na vida de qualquer ser humano, pois ninguém alcança a verdade de modo isolado, sem se apoiar em testemunhos de outras pessoas. Por isso, a fé não é uma dimensão exclusivamente religiosa, mas uma categoria epistemológica para todos os seres humanos. Desta forma, a capacidade de conhecer está relacionada a como a compreensão agostiniana expressada em: *Nisi credideritis, non intellegegetis* (se não crerdes, não inteligireis).<sup>191</sup> O movimento inicial de fé confiante abre o caminho para que a razão possa operar e aprofundar a verdade recebida. Assim, a fé funciona como pressuposto do conhecimento, uma vez que todo exercício intelectual já supõe um mínimo de confiança, no outro e em si mesmo.

Mattos entende que a visão agostiniana de fé é também como um grande motivador na busca de conhecimento, pois “cabe a fé motivar o homem para uma nova reflexão, trazendo à luz do pensamento o conteúdo apreendido, para que seja refinada a sua compreensão”.<sup>192</sup> Por isso, a fé não só se relaciona com a razão com um potencializador de sua capacidade, mas como um encorajador do seu exercício. Desta forma, a fé e a razão se complementam de maneira essencial no processo de conhecimento, fundamentando, potencializando e encorajando.

Essa concepção, se coloca como uma alternativa a maneira cética de suspender o assentimento para tudo, pretendendo mostrar que o próprio ato de conhecer exige algum grau de compromisso prévio que é característico a todo o ser humano e digno de confiança. A fé, longe de se opor à razão, inaugura seu movimento. Pois “os conteúdos de fé a serem apreendidos pela razão serão sempre objetos da reflexão racional”.<sup>193</sup> Ela não elimina a dúvida, mas a enquadra em um horizonte mais amplo, no qual a confiança em Deus e em sua revelação orienta a busca intelectual para o hiponense.

Se a fé abre o caminho, a razão tem por tarefa explorá-lo. Em Agostinho, a razão não é reduzida ao cálculo lógico ou à dedução silogística, mas comprehendida como a capacidade da mente de discernir a verdade, de ordenar a realidade e de elevar-se a Deus. “A fé e a razão, integrados, sem anular-se e excluírem-se são capazes de desempenhar um

---

<sup>191</sup> *lib. arb.*, II, 2, 6.

<sup>192</sup> Mattos, 2018, 17.

<sup>193</sup> Mattos, 2018, p. 17.

papel preponderante no intelecto humano”.<sup>194</sup> A razão iluminada pela fé realiza a purificação do pensamento, liberta-o de equívocos e conduz o ser humano a uma adesão mais consciente à verdade revelada. “Porque ele comprehendia que o exercício racional sobre uma realidade na qual já se exerce fé resulta em um fortalecimento desta”.<sup>195</sup>

Em *De ordine*, Agostinho mostra que a razão, ao investigar a ordem do universo, descobre sinais da racionalidade divina e se abre à contemplação do Criador. Ele escreve: “a ordem é aquilo que, se a conservamos em nossa vida, nos leva a Deus e, se não a conservamos em nossa vida, não chegamos a Deus”.<sup>196</sup> Já em *Solilóquios*, a razão, em seu diálogo com Agostinho, o auxilia na compreensão de certezas que acabam mostrando que o ceticismo é insustentável, pois o próprio ato de pensar pressupõe uma certeza da própria existência do sujeito que pensa.

**Razão:** Tu que queres conhecer-te a ti mesmo, sabes que existe?

**Agostinho:** Sei.

**Razão:** De onde sabes?

**Agostinho:** Não sei.

**Razão:** Sabes que te moves?

**Agostinho:** Não sei.

**Razão:** Sabes que te pensas?

**Agostinho:** Sim

**Razão:** Portanto, é verdade que pensas?

**Agostinho:** Sim.

**Razão:** Tu queres existir; viver e entender, mas existir para viver e viver para entender. Portanto, sabes que existes, sabes que vives, sabes que entendes.<sup>197</sup>

Na reflexão agostiniana, a razão não aparece como algo autônomo, mas como faculdade que quando conduzida pela fé, encontra seu verdadeiro alcance.

Outro ponto de destaque na síntese agostiniana está no reconhecimento de que fé e razão não se excluem, mas constituem dimensões distintas e complementares do mesmo itinerário espiritual.<sup>198</sup> Como observa da Silva, “Razão e Fé são dois elementos distintos, com a observação de que é vislumbrada a possibilidade de, no homem, essas duas

---

<sup>194</sup> da Silva, 2003, p. 340.

<sup>195</sup> Jordão, 2019, p. 155.

<sup>196</sup> *ord.*, I, 9, 27.

<sup>197</sup> *sol.*, II, 1, 1.

<sup>198</sup> João Paulo II, 1999, np.

instâncias funcionarem de forma harmoniosa”.<sup>199</sup> A fé sem razão seria um assentimento acrítico, e a razão sem fé resultaria em dúvida perpétua, sua união forma o caminho seguro para a verdade. Desta forma, o pensamento agostiniano encontra nessa complementaridade a superação tanto do dogmatismo rígido quanto o assentimento a nada do ceticismo.

Na prática, isso significa que a fé fornece à razão o horizonte último da verdade, enquanto a razão oferece à fé os instrumentos para ampliar sua compreensão sobre os mistérios da vida e da experiência religiosa.<sup>200</sup> Esse duplo movimento não é apenas teórico, mas faz parte do ser humano, especialmente o que busca a sabedoria. A fé move à vontade em direção ao bem supremo, e a razão iluminada conduz ao entendimento, orientando o crente para a verdadeira sabedoria. Como destacou Jordão: “o exercício racional é visto como meio de trazer compreensão da realidade sobre a qual se exerce a fé”.<sup>201</sup>

Em *Confissões*, esse dinâmica se expressa como uma peregrinação interior, na qual a mente, sustentada pela fé, busca incessantemente compreender a verdade.<sup>202</sup> Logo, essa relação razão e fé é também uma marca antropológica e espiritual, pois o ser humano não precisa sair de si para encontrar a verdade. É no olhar interior que a verdade, Deus, é encontrada. Como ele escreveu: “Não queiras sair de ti; retorna a ti mesmo; no homem interior habita a verdade”.<sup>203</sup> No *De Magistro*, Agostinho escreve sobre o conhecimento o seguinte:

Quando, pois se trata das coisas que percebemos pela mente, isto é, através do intelecto e da razão estamos falando ainda em coisas que vemos como presentes naquela luz interior de verdade, pela qual é iluminado e de que frui o homem interior; mas também neste caso quem nos ouve conhece o que eu digo por sua própria contemplação e não através das minhas palavras, desde que ele também veja por si a mesma coisa com os olhos interiores e simples. Por conseguinte, nem sequer a este, que vê as coisas verdadeiras, ensino algo dizendo-lhe a verdade, porque aprende não pelas minhas palavras, mas pelas próprias coisas, que a ele interiormente revela Deus; por isto, interrogando sobre elas, sem mais, poderia responder.<sup>204</sup>

<sup>199</sup> da Silva, 2003, p. 338.

<sup>200</sup> *Trin.*, XV, 2, 2.

<sup>201</sup> Jordão, 2019, p. 157.

<sup>202</sup> *conf.*, X, 17.

<sup>203</sup> *vera rel.*, XXXIX, 72.

<sup>204</sup> *mag.*, XII, 40.

No aspecto da busca interior de sua epistemologia, a influência do platonismo em seu pensamento se apresenta. No texto platônico *Mênon*, lemos: “Pois, pelo visto, o procurar e o aprender são, no seu total, uma rememoração”.<sup>205</sup> Em *Confissões*, Agostinho escreve: “Descobrimos assim que aprender as coisas [...] significa duas coisas: colher pelo pensamento o que a memória já continha esparsa e desordenadamente, e obrigá-lo pela reflexão a estar como que à mão”.<sup>206</sup> Entretanto, não é propósito deste trabalho aprofundar essa relação com o platonismo; busca-se apenas sinalizar que o exercício intelectual, no qual a fé e razão cooperam, tem como fonte o interior do próprio sujeito.

Em sua obra *De Trinitate*, Agostinho coloca a fé e a razão em um exercício de busca diante do mistério da fé. Nesse esforço, ambas cooperam para encontrar a verdade suprema: o próprio Deus. “A fé busca, o entendimento encontra; por isso, diz o profeta: Se não crerdes, não entendereis (Is 7,9). Por outro lado, o entendimento prossegue buscando aquele que a fé encontrou”. Ele acrescenta: “Pois Deus olha do céu para os filhos dos homens, como é cantado no salmo sagrado: para ver se há alguém que tenha inteligência e busque a Deus (Sl 13,2). Logo, é para isso que o homem deve ser inteligente: para buscar a Deus.”<sup>207</sup> Assim, o uso cooperativo da fé e da razão é, para o bispo de Hipona, um dos propósitos da própria vida religiosa. Desse modo, o desenvolvimento da inteligência é também um desenvolvimento da piedade cristã.

Agostinho, quanto trata do seu período maniqueísta em *Confissões*, aborda o tema da piedade e do conhecimento. Para ele, o conhecimento da realidade sem a conexão com o autor da realidade é estar vivendo de infeliz como sábio, pois é guiado pela soberba e pela piedade. “Não sois encontrado pelos soberbos ainda que numerem com hábil perícia as estrelas e as areias, ainda que meçam as regiões siderais e investiguem o curso dos astros”.<sup>208</sup> Pois a verdadeira sabedoria é conhecer o próprio Deus, mesmo que o conhecimento da realidade seja limitado. Com isso, o bispo de Hipona não está negando o conhecimento da realidade, mas focando no seu *télos*. Ele escreve: “O que vos conhece a Vós e àquelas coisas não é mais bem-aventurado por causa delas, mas unicamente por causa de Vós, se, conhecendo-as, vos glorifica como a Deus, vos rende graças e não se desvanece em seus pensamentos”.<sup>209</sup> Como observou Batista, “para Agostinho, o homem

---

<sup>205</sup> Platão, *Mênon*, 81d.

<sup>206</sup> *conf.*, X, 18.

<sup>207</sup> *Trin.*, XV, 2, 2.

<sup>208</sup> *Conf.*, V, 3.

<sup>209</sup> *Conf.*, V, 4.

chega à sabedoria pela fé, o que leva à razão. Portanto, a verdadeira religião é a verdadeira filosofia, que por sua vez é a verdadeira religião”.<sup>210</sup>

O maniqueísmo tentou convencê-lo de que o empreendimento racional o conduziria à fé, mas, posteriormente, ele percebeu que é a fé nas Escrituras que conduz à inteligência prometida. O conhecimento fruto de uma fé racional é marcado pela adoração e não pela vaidade. A busca pelo desenvolvimento cognitivo, na perspectiva agostiniana, não é movida pelo interesse egoísta da conquista do saber, nem pela instrumentalização do conhecimento como meio de alcançar determinado espaço social, mas sim por um movimento piedoso de deleitar-se no próprio Autor da realidade e da possibilidade de conhecer. “É vaidade mundana pavonear-nos com esses conhecimentos, porém é sinal de piedade o confessar-vos”.<sup>211</sup>

Como já observado, o itinerário da sua reflexão filosófica é também o de sua própria trajetória de vida. Seu percurso pelo maniqueísmo, ceticismo e platonismo o auxiliou nesta integração.<sup>212</sup> Em sua vida, a busca pela verdade pela via única da razão não o conduziu à verdadeira felicidade, o que não significou seu desprezo pela atividade intelectual. Entretanto, é quando sua razão é guiada pela fé que ele encontra a verdadeira vida feliz, que, para ele, significa seu encontro com Deus.

Portanto, a síntese entre fé e razão no pensamento agostiniano não é apenas uma construção teórica, mas o reflexo de sua própria trajetória intelectual e espiritual. A fé abre o caminho e orienta a razão que foi iluminada pela graça de Deus, enquanto a razão confirma, aprofunda e torna mais claro o que deve ser crido. Essa sintonia conduz o ser humano à verdadeira sabedoria, que é o próprio Deus e o prazer de estar em comunhão com Ele, não o acúmulo de informações ou conhecimento. Em Agostinho, filosofia e teologia, razão e fé, não estão em oposição, mas cooperam para o mesmo percurso de busca pela verdade, no qual a inteligência se torna expressão de piedade e a fé em caminho seguro para buscar o conhecimento da verdade e vida feliz.

#### **4.4. Implicações dessa síntese para a filosofia e teologia cristã**

Ao longo desta dissertação, temos sinalizado que “a relação entre fé e razão constitui o núcleo essencial do método agostiniano na busca incansável da felicidade ou

---

<sup>210</sup> Batista, 2021, p. 101.

<sup>211</sup> *Conf.*, V, 5.

<sup>212</sup> da Silva, 2003, p. 338.

da sabedoria”,<sup>213</sup> núcleo este que orienta todo o desenvolvimento do pensamento agostiniano. Esse pensamento visa construir uma filosofia cristã capaz de fundamentar grande parte da teologia cristã, contribuindo para a formação da visão sobre o ser humano, bem como para a prática intelectual, pastoral e apologética.

A síntese entre fé e razão não se limita a um exercício intelectual circunscrito ao combate contra o ceticismo, mas possui consequências de grande alcance tanto para a filosofia quanto para a teologia cristã. Esta seção tem por objetivo destacar algumas implicações dessa epistemologia agostiniana. Ao articular essas duas dimensões, o bispo de Hipona não apenas responde aos desafios de sua época, mas também estabelece uma estrutura que moldará profundamente o pensamento medieval e permanecerá como referência para muitos pensadores cristãos até os dias atuais.

A primeira implicação da síntese agostiniana é a superação da leitura que coloca fé e razão como antagônicas quando o assunto é conhecimento. Em oposição tanto ao fideísmo quanto ao racionalismo autossuficiente, Agostinho apresenta uma visão integradora na qual ambas se complementam e se corrigem mutuamente. O filósofo Jonas Madureira na construção do seu conceito de “inteligência humilhada”, que é uma resposta tanto ao fideísmo, que nega a razão, e quanto o racionalismo, que nega a fé como necessária para o conhecimento<sup>214</sup>, tem no pensamento agostiniano um grande referencial.<sup>215</sup> Esta relação bem construída, na qual a fé abre o caminho para a verdade, orienta a razão em sua tarefa de investigação e compreensão; alinhado com uma razão que consolida e aprofunda a fé, acabam como o antagonismo sugerido. Dessa forma, o pensamento agostiniano evita os extremos que, de um lado, reduzem a fé a um assentimento acrítico, e, de outro, restringem a razão a um exercício fechado em si mesmo. A complementaridade entre fé e razão abre caminho para uma epistemologia cristã que reconhece tanto a confiança quanto a reflexão como dimensões necessárias do conhecimento.

Outra implicação importante da síntese agostiniana é o auxílio na formação de uma filosofia cristã. Como observam Gilson e Boehner, “na pessoa de Agostinho a filosofia patrística e, quiçá, a filosofia cristã como tal, atinge o seu apogeu”.<sup>216</sup> Para Agostinho, a filosofia é uma forma de se encontrar a vida feliz e para isso a posse da verdade é

---

<sup>213</sup> Freitas, 1999, p. 249.

<sup>214</sup> Madureira, 2017, p. 25,26.

<sup>215</sup> Madureira, 2017, p. 29.

<sup>216</sup> Boehner e Gilson, 2012, p. 139.

fundamental. Para o hiponense, esta verdade é pessoal, é o próprio Deus. Por isso, o processo filosófico não se restringe à investigação de princípios abstratos, mas assume a forma percurso espiritual, no qual a razão, iluminada pela fé, conduz a alma ao encontro da verdade eterna.

A compreensão filosófica do bispo de Hipona reflete um caráter existencial e teleológico: não se trata de acumular saber pelo saber, mas de buscar a sabedoria que conduz para a vida feliz. Como observam Kunzler e Favoreto: “Na busca da compreensão do que seja essencial na vida do homem, Agostinho se preocupa em compreender a origem e o destino do homem buscando distinguir o que é permanente e eterno do que é mutável”.<sup>217</sup> A ideia de conversão está vinculada a esta implicação existencial, sem ser diminuída a ideia de uma mudança religiosa, mas uma reorientação plena, desejos, planos, tudo em direção à verdade.<sup>218</sup>

Dessa maneira, a filosofia cristã encontra em Agostinho não apenas um método, mas também uma cosmovisão. Toda reflexão intelectual está orientada para Deus. Ao integrar fé e razão nesse percurso, o bispo de Hipona lança as bases de uma tradição filosófica que influenciará profundamente o pensamento cristão e abrirá caminho para compreender a filosofia não em oposição, mas em diálogo com a teologia. Pois, por meio do seu pensamento, “a associação da boa filosofia com a verdadeira religião encontra plenitude, cumprindo assim a perfeição do designo da própria filosofia, que, de acordo com ele, consiste em amar o Deus-sabedoria”.<sup>219</sup>

“Agostinho, preocupado com a vida real e concreta, mais do que em manter separadas dimensões que sabe serem diferentes — *razão e fé, filosofia e teologia* —, procura servir-se delas simultaneamente, como de instrumentos complementares e integrantes, na busca permanente da Verdade e da Vida, seja, do Deus Único e Necessário.”<sup>220</sup>

Partindo dessa relação de cooperação entre os saberes, a síntese agostiniana entre fé e razão também se revela fundamental para a teologia cristã. Para Agostinho, a teologia não se reduz a um exercício fideísta, nem se confunde com especulação filosófica racionalista, mas consiste em reflexão racional iluminada pela fé.<sup>221</sup> Essa compreensão

---

<sup>217</sup> Kunzler; Favoreto., 2017, p. 126.

<sup>218</sup> Amaral; Amaral; Lima., 2024, p. 4.

<sup>219</sup> Chacon, 2016, p. 7.

<sup>220</sup> Freitas, 1999, p. 252.

<sup>221</sup> Fogaça, 2018, p. 28.

assegura para a teologia o caráter de ciência<sup>222</sup> que parte da revelação, mas que não se exime da investigação crítica e sistemática. A fé fornece os conteúdos primeiros, enquanto a razão organiza, interpreta e articula os conteúdos, tornando-os comprehensíveis e comunicáveis.

Essa dinâmica foi decisiva para a tradição cristã posterior, que encontrou em Agostinho a base para compreender a teologia como um exercício da fé e da razão em busca do conhecimento. A expressão, *fides quaerens intellectum* (fé em busca de compreensão), de Anselmo da Cantuária, é uma marca da influência de Agostinho em seu pensamento.<sup>223</sup> Como escreveu João Paulo II: “A síntese feita por Santo Agostinho permanecerá como a forma mais elevada de reflexão filosófica e teológica que o Ocidente, durante séculos, conheceu”.<sup>224</sup> O bispo de Hipona fornece à teologia cristã não apenas um método, mas também uma justificativa epistemológica: crer não dispensa o pensar, antes o exige como aprofundamento da verdade recebida.

Outra implicação da síntese agostiniana é a condição antropológica e espiritual do ser humano. Para Agostinho, a fé e a razão não são apenas faculdades intelectuais em diálogo, mas dimensões constitutivas do itinerário espiritual da pessoa em sua busca por Deus. A fé inaugura o movimento interior de confiança, sem o qual não há conhecimento verdadeiro; a razão, ao mesmo tempo, é chamada a ordenar e discernir essa busca, conduzindo o sujeito à contemplação da verdade. Assim, o homem não precisa sair de si para encontrar a Deus, pois é no interior da pessoa, iluminada pela fé, que a razão descobre a verdade eterna. Ele chega a mencionar a sua própria experiência com as dores da vida como meio de conhecer a Deus, “Vos me estimuláveis com um misterioso aguilhão para que estivesse impaciente até me certificar da vossa existência, por uma intuição interior”. Ele continua: “A vista perturbada e entenebrecida da minha inteligência melhorava, de dia para dia, com o colírio das minhas dores salutares”.<sup>225</sup> Além disso: “Deus dotou o homem de razão e inteligência, devendo buscar o verdadeiro sentido da vida, ou seja, a vida eterna, atingida após a morte de uma vida sagrada”.<sup>226</sup> Essa concepção tem profundas consequências espirituais. O processo de conhecer não se

<sup>222</sup> O termo “ciência” é usado a partir da seguinte análise de Clodovil Boff (1998, p. 92): “A teologia pode ser considerada uma ciência na medida em que se edifica sobre a análise crítico-metodica das verdades da fé. Ela busca sistematicidade e dinamismo, organizando-se como um corpo de saber unificado segundo princípios internos de estruturação. Assim, sua natureza científica reside na capacidade de articular fé e razão em um modelo que combina reflexão crítica e rigor metodológico.”

<sup>223</sup> Marques, 2017, p. 433.

<sup>224</sup> João Paulo II, 1998, n. 40.

<sup>225</sup> *conf.*, VII, 8.

<sup>226</sup> Kunzler; Favoreto., 2017, p. 126.

esgota com a aquisição de informação, mas se torna caminho de conversão, no qual a inteligência é purificada da vaidade e orientada para a sabedoria, percurso que leva até a vida feliz. Desprezar a razão humana é rejeitar o *mysterium fidei*, que se expressa na criação de um ser humano dotado de razão, de capacidade cognitiva.<sup>227</sup> Desse modo, a antropologia agostiniana se enraíza em uma visão integrada, onde a busca do saber é, em última instância, uma busca de Deus.

Todo o processo de desenvolvimento da síntese fé e razão no pensamento agostiniano acontece durante sua busca pela verdade, o que por sua vez, está conectado com a sua formação intelectual. Por isso, outra implicação decorrente está na formação, no processo educacional que sua tese implica. Agostinho efetiva “um projeto de formação cristã, a busca da verdade é um elemento da ação humana”<sup>228</sup> que exercita fé e razão e sua busca de fruir da Verdade. A formação do monastério de Hipona dirigido por ele é marcado pelo estudo e oração como práticas que valoriza essas duas dimensões do desenvolvimento intelectual.

Portanto, a contribuição de Agostinho se revela não apenas como uma resposta aos céticos ou aos maniqueus de seu tempo, mas como uma alternativa filosófica que, em sua proposição, busca integrar a fé e a razão como caminho possível na busca pela verdade. A fé que ilumina a razão e a razão que aprofunda a fé apresentam-se como uma pedagogia espiritual e uma prática intelectual voltadas para Deus. Essa síntese permanece como herança para a filosofia e a teologia cristã contemporâneas, revelando uma sabedoria autêntica que não se reduz a um fideísmo dogmático nem a um racionalismo rígido, mas se realiza como movimento de conversão integral do ser humano em direção à Verdade eterna.

---

<sup>227</sup> Chacon, 2015, p. 255.

<sup>228</sup> Duarte; Oliveira., 2023, p. 1461.

## 5 CONCLUSÃO

A epistemologia agostiniana, marcada pela relação entre razão e fé, produz uma reflexão profunda sobre a natureza do conhecimento e sua relação com a busca pela verdadeira felicidade. Ao longo desta dissertação, procuramos mostrar como Agostinho comprehende a fé não como obstáculo, mas como elemento constitutivo e essencial da jornada intelectual em direção a Deus e à sabedoria autêntica.

Desde a juventude, Agostinho foi movido por um desejo incansável na busca da sabedoria, que para ele era entendida como a verdadeira felicidade. Esse desejo o conduziu por muitas correntes filosóficas de seu tempo, até reconhecer na experiência de fé o fundamento para alcançar o que procurava, o verdadeiro conhecimento, o único capaz de trazer paz ao seu coração.

Dessa forma, para o bispo de Hipona, a fé não significava a negação da razão, mas sua complementação e elevação. Pela aceitação humilde da revelação divina, a razão encontra a possibilidade de transcender seus próprios limites e alcançar uma compreensão mais profunda das verdades eternas, que é o próprio Deus. A fé, nesse movimento, não apenas ilumina a investigação racional, mas transforma todo o processo de busca, conduzindo o ser humano à plenitude do entendimento de Deus.

Reconhecer essa dimensão na epistemologia agostiniana é um convite a repensar nossa própria concepção de conhecimento e felicidade. Seu pensamento é uma advertência ao uso da razão com único meio de conhecer, assim como, o uso do saber como mera técnica. Somasse a isso, a advertência para aqueles que usam a fé desconectada do uso da razão, desprezando a capacidade racional humana, que Agostinho enxergava com imagem de Deus no ser humano.

Em última instância, a reflexão epistemológica de Agostinho nos desafia a ultrapassar as fronteiras estreitas do intelecto humano e a abrir-nos à verdadeira fonte da sabedoria e da felicidade. A fé é entendida como confiança que ilumina e transforma e é possível vislumbrar a plenitude do conhecimento de Deus e encontrar a realização mais profunda da condição humana.

Diante desse percurso, fica evidente que a resposta agostiniana ao ceticismo ultrapassa os limites de uma polêmica circunstancial e se estabelece como contribuição perene para o pensamento filosófico e teológico. Sua epistemologia, ao integrar fé e razão, não apenas afirma a possibilidade do conhecimento, mas também redefine o próprio

sentido da busca intelectual, vinculando-o a um horizonte existencial e espiritual. Nesse sentido, a reflexão aqui desenvolvida procurou evidenciar que a proposta de Agostinho continua a interpelar os debates contemporâneos sobre verdade, dúvida e crença, mostrando que o conhecimento não se esgota na técnica ou na abstração, mas encontra sua plenitude na abertura à transcendência. Assim, a síntese agostiniana se revela não apenas como herança do passado, mas como chave interpretativa para repensarmos, ainda hoje, a relação entre filosofia, teologia e vida.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. 28. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Contra os Acadêmicos, A ordem, A grandeza da alma, O mestre**. São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística, 24).

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A cidade de Deus**: volume 2. São Paulo: Paulus, 2025. (Patrística, 50/2).

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Solilóquios; A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998. (Patrística, 11).

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **O livre arbítrio**: livro 2. São Paulo: Editora Filocalia, 2020.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A Doutrina Cristã**: manual de exegese e formação cristã. São Paulo: Paulus, 2002. (Coleção Patrística).

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **A verdadeira religião; O cuidado devido aos mortos**. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Sobre a vida feliz**. Petrópolis: Vozes, 2014.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Epistola 120**. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>. Acesso em: 20 maio 2024.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Manual de fe, esperanza y caridad**. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/enchiridion/index2.htm>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2025.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **De Praedestinatione Sanctorum**. Disponível em: [https://www.augustinus.it/latino/predestinazione\\_santi/index.htm](https://www.augustinus.it/latino/predestinazione_santi/index.htm). Acesso em: 21 abr. 2025.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. **Sermones**. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/discorsi/index.htm>. Acesso em: 04 set. 2025.

AGUIRRE, D. El Escepticismo de San Agustín em el *Contra Academicos. Síntesis*. Revista de Filosofia, v. 10, n. 1, p. 37-53, 2016. Disponível em: <https://sintesis.uai.cl/index.php/intusfilosofia/article/view/135>. Acesso em: 5 mar. 2025.

AMARAL, Ademar Antunes do; AMARAL; Diana Daniela de Mello do; LIMA, Natan Gomes de. Educação e Filosofia em Agostinho de Hipona: reflexões sobre o ensino e a formação do ser a partir das Confissões. **Revista Cadernos Pedagógico**. Curitiba, v. 21, n. 9, p. 01-12, 2024.

AYOUB, Cristine Negreiros Abbub. **Iluminação trinitária em Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2011.

BATISTA, Cícero Pereira. Santo Agostinho e Cristianismo: da Razão à Fé ou da Fé à Razão? **Da Magistro da Filosofia**, ano: XIV, Nº 29, 2021, p. 93-112.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRANDÃO, R. E.; COSTA, M. R. N. Noções de estética no “De pulchro et apto” de Santo Agostinho. **Rev. Filosófica São Boaventura**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 67-83, jan./jun. 2015.

BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005.

CALABRESE, Claudio César. San Agustín y las transformaciones de la mirada escéptica. La figura de Proteo em Contra Académicos. **Veritas**, n. 45, abr. 2020. Disponível em: [https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-92732020000100121](https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-92732020000100121). Acesso em: 5 mar. 2025.

CARY, Phillip. Céticos/Ceticismo. In: FITZGERALD, Allan D. (Coord.). **Agostinho através dos tempos**: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2018, p. 225-226. Coleção Filosofia Medieval.

CHACON, Daniel. “*Nisi Credideritis, non Intelligetis*”: A Inteligência da Fé em Santo Agostinho, **Teocomunicações**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, p. 247-268, set.-dez. 2015.

CHACON, Daniel Ribeiro de Almeida. Filosofia e Fé Cristã em Santo Agostinho. In: **Simpósio** (da Fage). 2016, Niterói (RJ), p. 1-9. Comunicação apresentada no XII Simpósio Internacional de Filosofia FAJE 2016. Disponível em:

[https://www.faje.edu.br/simposio2016/arquivos/comunicacoes/nao\\_doutores/Daniel%20Ribeiro%20de%20Almeida%20Chacon.pdf](https://www.faje.edu.br/simposio2016/arquivos/comunicacoes/nao_doutores/Daniel%20Ribeiro%20de%20Almeida%20Chacon.pdf). Acesso em: 17 set. 2025.

COPLESTON, Frederick. **Uma história da filosofia**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021. v. 1: Grécia, Roma e filosofia medieval.

COSTA, Daniel Rodrigues da. O problema da extensão do conhecimento na hipótese regulacionista da Iluminuação em Agostinho de Hipona. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 61, n. 146, p. 363-380, May-Aug. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-512X2020n14605drc>. Acesso em: 9 abr. 2025.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. Comentário ao Livro III das *Confissões* de Santo Agostinho: a busca da verdade na filosofia de Cícero e no maniqueísmo. **Civitas Augustiniana**, n. 4, p. 91-120, 2015.

CROUSE, Robert. Conhecimento. In.: FITZGERALD, Allan D. (Coord.). **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018, p. 264-267. (Coleção Filosofia Medieval).

CUNHA, Mariana Paolozzi Sérvaldo da. Santo Agostinho: Fé e Razão na busca da verdade. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 44, Número 124, p. 415-427, Set/Dez 2012.

CURLEY, Augustine. Cícero, Marco Túlio. In: FITZGERALD, Allan D. (Coord.). **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018, p.226-229. (Coleção Filosofia Medieval).

DA SILVA, A. J. (2003). A INTEGRAÇÃO ENTRE RAZÃO E FÉ EM AGOSTINHO. **Veritas (Porto Alegre)**, 48(3), 337–342. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2003.3.34802>

DUARTE, Juliana Calabresi Voss; OLIVEIRA, Terezinha. O itinerário de Agostinho de Hipona em busca da verdade e seu projeto de formação cristã. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 37, n. 81, p. 1437-1463, set./dez. 2023.

FREITAS, Manuel da Costa. Razão e Fé no pensamento de Santo Agostinho. **DIDASKALIA**, Nº: XXIX, 1999, p. 249-255.

FOGAÇA, Cauê Ribeiro. A Teologia Confessante de Agostinho a partir das relações entre Fé e Razão, no proêmio das Confissões. **REVELETEO**. Revista Eletrônica Espaço Teológico, vol. 12, n. 22, jul./dez., 2018, p. 19-30. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/38005/27643>. Acesso em: 17 set. 2025.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.

HADDAD, Alice Bitencourt. **O drama da recepção**: Cícero e a Academia. *Phoînix*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 123-139, 2022.

HEIL, John. Augustine's Attack on Skepticism: The Contra Academicos. **Harvard Theological Review**, n. 65, p. 99-116, 1972.

KING, Peter. Agostinho sobre o conhecimento. In: MECONI, David Vincent; STUMP, Eleonore (org.). **Agostinho**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016, p. 181-207.

KUNZLER, Flávia Paim; FAVORETO, Aparecida. Religião e Educação: um breve relato do pensamento filosófico de Agostinho de Hipona. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**. V.6, n.2, p.123-136, Ago./Dez., 2017.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Fides et Ratio**: sobre as relações entre fé e razão. 1998. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_14091998\\_fides-et-ratio.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html). Acesso em: 17 set. 2025.

JORDÃO, Thiago Paulino. A Racionalidade da crença na existência de Deus em Santo Agostinho. **Revista Brasileira de Filosofia da Religião**. 5(1), 2019, p. 153-165. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/22901/20620>. Acesso em: 5 set. 2025.

LOQUE, Flavio Fontenelle. Ceticismo, Verdade e Vida. **Cadernos Espinosanos: Estudos sobre o Século XVII**, n. 40, p. 95-118, jan-jun, 2019.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MATTOS, José Roberto Abreu de. Fé, Razão e Conhecimento em Santo Agostinho. **REVELETEO**, vol. 12, n. 21, jan./jun., 2018, p. 15-21.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de ética**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARQUES, José da Cruz Lopes. Fé e Razão no Argumento único de Santo Anselmo. **Revista Opinião Filosófica**, Porto Alegre, v. 08, n. 01, 2017, p. 431- 461.

MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. **História da Literatura cristã antiga, grega e latina II**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. t. 2.

NASH, Ronald H. Iluminação Divina. In: FITZGERALD, Allan D. (Coord.). **Agostinho através dos tempos**: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2018, p. 529-532. (Coleção Filosofia Medieval).

NASH, Ronald H. Sabedoria. In: FITZGERALD, Allan D. (Coord.). **Agostinho através dos tempos**: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2018, p. 858-859. (Coleção Filosofia Medieval).

NOVAES, M. **A razão em exercício**: estudos sobre a filosofia de Agostinho. 2. ed. São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2009.

ORCASITAS, M. A. **La conversión de San Agustín**. Disponível em: [https://www.augustinus.it/spagnolo/vita/conversion\\_index.htm](https://www.augustinus.it/spagnolo/vita/conversion_index.htm). Acesso em: 5 dez. 2023.

PLATÃO. **Mênون**. Texto estabelecido e anotado por John Bumet; tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro; Ed. PUC-Rio; Loyola, 2001.

PEREIRA, Tatiana de Mello. **A doutrina da iluminação divina**: a investigação de Agostinho de Hipona a verdade transmitida à intelectualidade do homem por intermédio da luz divina. 2020. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/51876/51876.PDF>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PEREIRA JÚNIOR, Antônio; COSTA, Marcos Roberto Nunes. Crítica agostiniana ao Ceticismo Acadêmico. *Civitas Augustiniana*, v. 5, p. 31-49, 2016. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/civaug/article/view/2884/2635>. Acesso em: 2 abr. 2025.

PEREIRA JÚNIOR, Antônio. **A superação da superação**: apropriação/superação da dúvida acadêmica na busca da verdade na filosofia da interioridade de Santo Agostinho. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa Integrado de Doutorado em Filosofia, Universidade Federal da Paraíba-Universidade Federal de Pernambuco-Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Recife, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/25657/1/TESE%20Ant%c3%b4nio%20Pereira%20J%c3%b4nior.pdf>.

POSSÍDIO. **Vida de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 1997.

SILVA, Adelmo José. A Integração entre Razão e Fé em Agostinho. *Veritas*, Porto Alegre, v. 48, n. 3, p. 337-341, set. 2003.

TRAPÈ, Agostinho. **Agostinho**: o homem, o pastor, o místico. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

TESELLE, Eugène. Fé. In: **Agostinho através dos tempos**: uma enclopédia / Coordenação geral Allan D. Fitzgerald. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Filosofia Medieval).

VIGINI, Giuliano. **Santo Agostinho**: a aventura de graça e da caridade. São Paulo: Paulinas, 2012.